

ODORICO DA VEREDA LONGA

Alaor Chaves

Como de seu costume, Odorico levantou-se bem cedo. Quando a primeira luz apareceu no horizonte ele já estava sentado no banco de madeira que havia feito nem se lembrava quando, no serrote e na enxó. Quando acordara, só se ouviam os sons da noite, cantos de coruja, do urutau e do curiango, e só depois o inhambu-chororó começou a repetir aquele seu estranho canto que cresce aos pedaços. *O chororó é o passarinho que acorda os outros, matutou Odorico. Foi feito pra isso, sem ele não sei como seriam os hábitos dos bichos desse sertão.* Pensou isso porque pouco depois, naquele mesmo lado, sob a matinha à cabeceira da vereda, as saracuras três-potes começaram seu canto de casal em dupla, que embora não tão alto se ouve ao longe como se fosse perto. Os sabiás-laranjeira também começaram a se medir pelo canto, cada qual querendo vencer o outro, e quando o sol despontou o mundo era uma festa de passarinhos. Odorico conhecia os pios e os cantos de todos os pássaros, e também os seus hábitos, e sabia que nos meses seguintes o ar seria pouco pra tanto canto, pois todo passarinho já estava em busca de uma fêmea pra se acasalar.

Mês de agosto, quando as árvores perdem as folhas e ficam implorando por alguma gota de chuva. Mas em vez de chuva, só vem vento e redemoinhos que levantam as folhas caídas e as espalham no ar, a esmo. *Agosto, mês de cachorro doido e de assombração. Vento seco, poeira, fumaça das queimadas que assolam o cerrado. Tudo mais feio, a não ser a beleza medonha do sol se pondo no céu ensanguentado. Mas setembro tá chegando, e aí vamos ter a flor do pau-d'arco e os primeiros anúncios de chuva. Confirme Deus que a chuva venha mais cedo, que esse ano a flor do pau-d'arco não caia na poeira. Tá demonstrado, esse ano ela vem mais cedo.*

As maritacas e araras estavam chegando, só aparecem mais tarde, pois dormem nos paredões das pedreiras que ficam naquela outra banda, onde a chapada acaba e começa a descida para o vão: as quebradas. Mas todas elas passam o dia no cerrado, onde encontram o que gostam de comer. E chegam fazendo uma enorme barulheira, com seus bandos cruzando o céu, gritando. *Meu pai falava que maritaca voa com o bico pra baixo pra que seu grito a empurre pra cima...*

- Dorico, vem tomar café, homem, vai ficar aí pitando até que hora?
- Tou indo, tou indo.

Entrou na casinha de pau a pique com chão de terra batida, coberta com palmas de buriti. Ele mesmo tinha feito aquela casa, ao seu gosto, contando com a ajuda do pai e de um amigo. Sobre a chapa do fogão havia um bule esmaltado, sobre a beirada, umas canequinhas aparelhadas com o bule. Encheu uma canequinha, pegou uns beijos de polvilho que a Noêmia havia feito e sentou-se em um banco perto da mesa.

– Já tomou seu café?

– Arrã, gosto do beiju bem quente.

– A chuva vem mais cedo esse ano.

– Você e suas predições, vendo sinais do tempo em tudo. Deus benza a sua boca.

– A brotação nas queimadas do seu Augusto veio com força, o gado tá lá pastando, da beira da vereda até a franja do cerrado. Já não sinto o cheiro da queimada, o cheiro de agora é o da brotação. Isso é a umidade da terra subindo, não demora a chuva tá chegando. A terra sabe quando a chuva vem.

Seu Augusto era o dono de todas aquelas terras, e ainda outras. Muitas outras. Herdou as mais próximas do pai. Já as outras, depois do ribeirão, eram da dona Miriná, que se enviuvou muito nova e ficou com um fazendão de cansar cavalos. Seu Augusto era casado com dona Inês, mas deu um jeito de se desfazer da mulher. Uma história que ninguém conhece direito, cada um conta do seu jeito. O que é certo é que dona Inês mudou-se para a cidade, levando o filho de uns três anos. Seu Augusto deu-lhe uma casa boa na cidade, e ainda uma fazenda lá pras bandas da Barraginha, com algum gado. Muito pouco face ao que seria o justo, mas ela aceitou pra se livrar do marido e assinou o divórcio. Tudo planejado pelo seu Augusto, que já tava de namoro com a viúva rica e casou com ela pouco depois da separação. Casamento pra ajuntar fazendas e gado, e ademais dona Miriná era bonita e não tinha filhos, o único que teve nasceu morto.

O pai de seu Augusto, seu Nereu, este fez sua fortuna do zero. No tempo em que era moço, aquele sertão era pouco habitado e as terras tinham pequeno valor. Inteligente, espertalhão e de origem ignorada, o então jovem Nereu chegou ali dizendo vir de terras onde o progresso já havia chegado e que provinha de gente alta e antiga. Comprou uma mula e uma arreata e passou a andar pra cá e pra lá, assuntando sobre as terras e sobre quem era dono do quê. Sua origem podia ser alta, mas parecia ter pouco dinheiro, pois só comprou um direito de usucapião, com limites e confrontações vagos, cortado por um pequeno curso d'água. Na verdade, exceto por acidentes geográficos, como um córrego, uma vereda, uma elevação no terreno, naquele tempo ali as divisas de terras eram sempre vagas. Nas fazendas sem cercas – por isso chamadas largas – o gado curraleiro pé-duro pastava o capim nativo, e até mesmo a propriedade de reses sem marcas a ferro era indefinida: apossasse delas quem fosse mais esperto.

Nereu construiu cercas de arame já além do limite sensato da sua propriedade, e na medida das suas possibilidades e precisão de mais pasto ia deslocando as cercas de divisa, ampliando assim as suas terras. Houve arengas, às vezes severas, mas Nereu era sempre o vencedor, pois era valente e inspirava medo. Como todo homem valente e arengueiro daquele sertão e daquele tempo, Nereu devia à justiça a morte de dois ou três homens que não o temeram. Na maturidade era o maior fazendeiro das redondezas. Mas não tinha um bom coração.

“Homem ganancioso e sem consideração nem misericórdia”, Odorico ouviu seu pai Leôncio falar de seu Nereu em suas frequentes menções a ele. “Na cabeceira dessa Vereda Longa, diversos caminhos se encontravam, como se vê até hoje, pois estrada velha só aumenta, quando fica muito esburacada o próprio trânsito faz outra ao lado, alargando. Havia aquela estrada para a Barraginha, aquela outra, contornando a vereda rumo ao vão do Urucuia, e estradas de serviço pras fazendas. Aquela estrada maior, boa para caminhão e automóvel, já levava à sede do município, que quando pequena era chamada Água Limpa e mais tarde ganhou o nome de Cruz Alta. Naquele encontro de caminhos viviam uns catrumanos, gente que gosta de morar onde muita gente passa. Suas casas e vendas formavam quase uma vila, com mais de uma dúzia de construções simples e coisa de trinta almas. A terra pertencia ao seu Nereu, que no princípio achava que aquela gente era útil, pois produzia coisas para vender a transeuntes e gente vizinha: redes e balaios de palma do buriti, gamelas, galinhas, porcos e couros de bichos que caçavam, farinha de mandioca, mel silvestre. Vendiam também velas, lamparinas, querosene, sal, açúcar, cachaça, panelas, ratoeiras, anzóis e outras miuçalhas que compravam de caminhoneiros.”

“Não se sabe bem o porquê, um dia o seu Nereu resolveu botar os catrumanos pra fora das suas terras. Falou que não eram gente de boa índole, nem mesmo eram cristãos – embora o padre que ainda costuma visitar essas bandas relate ter batizado crianças da comunidade, e que os pais de família lhe pediam que também benzesse suas casas. Seu Nereu dizia que os catrumanos bebiam muito, e também vendiam demasiada cachaça pros empregados da fazenda e pros meeiros. Tenho por mim – e Deus me perdoe se o que estou falando for mentira – que o motivo da raiva dele era só dinheiro: seu Nereu fornecia de tudo pra quem trabalhava pra ele pra descontar no salário, e no final do mês havia muito pouco pra receber, pois as dívidas eram muitas e mal explicadas. Seu Nereu roubava seus empregados e via os catrumanos como concorrentes.”

“Quanta gente apegada àquela aldeiazinha, muitos ali nascidos e ali criados, de repente expulsa das suas casas, da sua terrinha natal. Mas o homem foi impiedoso, ele era dado a pequenas e grandes maldades: – Dou um mês para desaparecerem, arranjem alguém que goste de catrumano. – Os pais de família imploraram, pediram a ajuda do padre, que conversou com seu Nereu, mas ele mal deu atenção. No final os catrumanos subiram em caminhões que os levariam para não se sabe onde, eles e suas tralhas. Mulheres e crianças choravam. Foram embora, mas uma velha entendida de feitiços fez antes umas más benzeções no local, que é hoje amaldiçoado e assombrado. Seu Nereu mandou queimar tudo, até as árvores que os catrumanos haviam plantado, e derrubar o que restou em pé. Mas a maldição é imune ao fogo, ao machado e a todo instrumento de demolição. E quem passa naquele local desolado em alguma noite de sexta-feira ouve crianças chorando, sem fim nem consolo, e é raro aquele que não fuja correndo de pavor. Foi por isso que um novo lugarejo se formou não naquele lugar, mas noutro um quarto de légua distante. Naquele lugar onde as nascentes das duas veredinhas se encontram, por isso chamado Forquilha. Lugarejo que até tem crescido muito”.

“De filho legítimo, seu Nereu só tinha o menino Augusto, que foi criado com os cuidados da sua mãe dona Tereza e as permissões sem medida do pai, o que resultou num rapaz cheio de vontades, brigão, dado a tomar namoradas dos outros, principalmente nos bailes, onde empurrava o namorado da moça mais bonita pra fora da roda e saía dançando com ela. Era alto, forte e bom de briga. Filhos bastardos, seu

Nereu gerou em número maior que o dos dedos das mãos, principalmente na barriga de moças bonitas que não contavam com a proteção de uma família. Dona Tereza sofreu o que ninguém imagina com afrontas e o dó que tinha das pobres moças e seus pais. Pois era mulher de grande coração. Alguns meninos ficaram parecidos com seu Nereu, tava na cara que eram seus filhos, mas nenhum foi reconhecido. Fala-se que em alguns casos seu Nereu arrumou um noivo para a moça prenha, no mais das vezes o noivo era um dos seus empregados que fosse trabalhador e branco. Entregava-lhe a moça e o dinheiro para levantar uma casinha em um local das suas terras – distante de sua casa e dos olhos de dona Tereza – onde houvesse boa água e um terreninho bom pra plantar roça. Era uma maneira de evitar que a criança tivesse a sorte comum às pessoas sem terra aqui nessas bandas”.

Seu Augusto ficou com tudo que o pai deixou, incluída a sua mãe Tereza e sua desilusão com a vida, e que morreu mais desolada ainda ao ver que os desatinos do filho não eram coisa da mocidade, eram falhas de um caráter perverso, moldado pelo pai. “Nosso Senhor não teve a misericórdia de dar bom juízo ao meu filho, não perdoou seus erros da mocidade e não o aceitará no Seu reino. Gerei em meu ventre e nutri com meu leite um menino que já está condenado à danação”. Dona Tereza morreu louca, dizia Leôncio, e o filho tinha vergonha da sua loucura. “Quando ela morreu, mais para ostentar o orgulho dos Braga que por consideração à mãe, seu Augusto mandou que preparassem um enterro de luxo, e ficou surpreso com a presença de tanta gente pobre chorando, louvando a bondade da morta, sua caridade carinhosa. Lembro ter notado um ar de comoção no rosto do filho, que se afastou das pessoas e ficou longo tempo no alpendre olhando para o vazio do ar”.

Seu Augusto tinha ideias mais modernas que o pai e fez inovações. Vendeu todo o gado curraleiro, de muito chifre e pouca carne, e comprou matrizes de gado moderno, vindas de longe. Gado branco, de cifre curto e aprumado, os touros com cupim muito grande. O nelore, bom pra corte, quando prontos para o abate os bois ficam redondos, as ancas e o dorso largos de tanta carne.

Quem primeiro habitou aquela margem de vereda foi Nilo, o pai de Leôncio. Cruzava a região como ajudante de um caminhoneiro. A água de beber tinha acabado, e ao passarem pela vereda lhes pareceu que nela havia bons olhos d’água. Beberam, encheram os cantis e vistoriaram por alto aquela vereda que se alongava por talvez uma légua e que com certeza dava origem a um córrego. Nenhum sinal de vida humana na vizinhança, só buraco de tatu e passarinho de toda cor e todo canto. *Beleza de lugar pra viver e criar uma família*, pensou Nilo. *Bonito e sadio*. A vereda não lhe saiu da cabeça, e ele tanto falou nela pra sua noiva que ela tomou a decisão:

– Você tá doido para morar naquela vereda, mas não tem coragem de falar. Vamos praquela distante vereda, a gente casa e vai pra lá.

– Fala sério, Aninha?

– A gente é novo e sadio, vence as dificuldades, é preciso ter coragem. E esse lugarzinho nosso não tem futuro.

Nilo abraçou a noiva, louvou sua coragem, e juntos tomaram a decisão final. Ana garantiu que convenceria seus pais.

Chegaram, com uma trempe de fogão, umas panelas, quatro pratos, umas ferramentas e uma malinha velha, e após descer do caminhão e esperar a poeira

abaixar, observaram mais demoradamente a paisagem: a chapada daquele sertão, que com a vida conheceram melhor e do qual nunca se afastaram. Ali era um ponto da chapada onde o Urucuia não fica longe. Elevada, infinita e plana, debaixo de um céu com azul sem igual. Chapada das araras, das maritacas e de periquitos sem fim, onde a codorna e a perdiz ouvem o tropel ao longe, mas só levantam voo quando o cavalo se aproxima, se estiver montado, onde o pio da juriti é mais apaixonado. Chapada, onde o lobo uiva mais comovido porque sobre ela a lua desliza baixinho, chapada de onde o sertanejo se afasta já com saudade e só quando é preciso. Chapada do sertão desmesurado, sem eira beira nem porteira, que em vez de acabar sempre recomeça de outro modo, sertão das emas e seriemas, sertão que até o diabo respeita e nele faz suas más rezas na sombra da gameleira. Os gerais, que são cerrado, são carrascal e campina, são várzea e vereda. Sertão, onde quando um bicho morre o carcará é o primeiro a chegar. Sertão dos fatos e das lendas, onde se gosta tanto de contar e de ouvir.

A mãe de Ana lhe havia colocado no pescoço um crucifixo de prata pendurado por uma correntinha, pedindo que o usasse com fé, pois o próprio bispo o havia benzido quando ela o conheceu no final de uma romaria. Ana lembrou-se dele, puxou-o do decote e deu-lhe um beijo, os olhos voltados para o céu. *Nesse lugar alegre, com a benção de Deus veremos nossos filhos crescer sadios.* Improvisaram uma cabaninha – quatro postes de pindaíba, quatro varas sobre eles e uma cobertura de palmas de buriti. Palmas foram colocadas também nas laterais para proteger do vento e de alguma chuva temporã. Ana revelou desde então a sua força e tenacidade. Escolheram com capricho o local para a construção da sua morada, na campina que rodeia a vereda. No chão que haviam capinado, riscaram uma casinha com frente para o nascer do sol, por sorte quase apontando pra cabeceira da vereda. Ana costumava contar que uma coruja-buraqueira, pouco acostumada com gente, permanecia cantando alto em cima de um cupim, afirmando sua posse do local.

Nilo havia trazido um dinheiro e mencionou o uso de parte dele para contratar um ajudante ou dois para a construção, mas Ana foi taxativa:

– Nosso dinheirinho é curto, Nino, temos de guardá-lo, não sabemos quando vamos ter alguma renda. Já descobrimos onde comprar comida, mas precisamos do dinheiro pra comprá-la. Nós dois faremos a casa. Vim pra ser mulher e também pra ser homem.

Nilo ficou em silêncio, olhando sua mulher com ar embaraçado, quase humilhado. *É justo aceitar isso? Nunca pensei em ter uma mulher e cobrar dela fazer trabalho grosseiro...*

– Fala o que tá pensando, Nino!

– Certeza, Aninha? Acha justo aceitar o que tá propondo?

– Tenho certeza e acho justo, até mesmo porque te encorajei a vir para esse fim de mundo. Esse bonito fim de mundo. Essa vereda, esse vento que gosta de brincar com o ar.

– Primeiro é preciso furar uma cisterna pra fazer o barro da construção. Parece que a água aqui nasce rasa, estamos pouco mais alto que as nascentes, mas isso é trabalho duro. Está falando em ser até cisterneira, Aninha?

– Quase. Levanta, temos de comprar um balde e uma corda, e o lugar é longe. Faremos um sarilho, você cava e eu puxo a terra.

Nilo ergueu-se, Ana já estava em pé e pegaram a estradinha que passava em frente à venda, menos de uma légua dali. O sol já estava alto e os passarinhos haviam cessado suas cantigas da manhã, mas na vereda as araras se divertiam comendo coco, com aquela gritaria de constante felicidade. Nilo também estava feliz demais por ter Aninha.

Não levou nem três meses para que os dois erguessem a casinha de dois quartos, com cozinha espaçosa. Na matinha que margeia a nascente à cabeceira da vereda – um fio d’água que ganha corpo à medida que desce – havia madeira reta e boa para a construção, mas transportá-la até o local da casa foi deveras penoso, pois era grande a distância a ser vencida. Com paradas pra descanso, trouxeram cada peça, uma ponta sobre o ombro de Ana e a outra sobre o de Nilo quando ela era mais grossa. Esteios fincados e socados, madeira de cerrado grossa para contornar a base, travas fortes para firmar no topo a malha de esteios, as gaiolas das paredes com varas verticais e horizontais, cipós, barro feito de terra comum – a terra tirada da cisterna lhes pareceu ótima –, terra de formigueiro e esterco de vaca, e as paredes foram ganhando feitio. Na cobertura, caibros e ripas de varas de pindaíba, e finalmente palmas de buriti arrumadas com capricho. Foi preciso comprar umas tábuas para as portas. Um reboco nas paredes, em que o barro levou mais esterco para dar boa liga, e acabou-se a construção. Festejaram e amaram-se como nunca. A coruja, que é de espécie diurna e tudo vigiava, nunca concordou com a construção.

Fizeram umas contas e concluíram que podiam comprar cinco rolos de arame farpado, o quanto precisavam pra cercar um pedacinho de terra encharcada da vereda, excelente para arroz, e outro pedacinho em volta da casa, onde plantariam feijão consorciado com milho, mandioca e uns pés de fruta.

– O arroz e a mandioca podemos plantar quando a cerca ficar pronta, o milho e o feijão a gente planta no início das chuvas, Aninha.

– Dará banana nessa campina?

– Acho que teremos de ajudar com um pouco de água, mas temos cisterna boa. Plantaremos também uma hortinha, e pra isso haja água e esterco de vaca.

O gado que pastava naquela vereda vivia largado, pois demorou em que a casinha e as cercas fossem descobertas. Homens áspers do seu Nereu chegaram montados em cavalos altos, logo perguntando se Nilo achava que ali era terra sem dono. Na verdade, seu Nereu não desgostava tanto de ter pessoas habitando suas terras, pois para alguma coisa serviam: vigiar o gado. Pois ladrões de gado infestavam a região. Localizavam uma maloca, montados em bons cavalos a controlavam para que não se dispersasse, e na calada da noite a conduziam por pelo menos cinco léguas. Depois de brutas admoestações e advertências, deixaram Nilo e a mulher e partiram. Mas uma ameaça final foi deixada: se algum gado daquela vereda fosse roubado, os dois seriam expulsos, e a casinha seria queimada. O chefe dos capangas foi atroz: “Essa sua mulher é pra lá de bonita, noutra visita a gente pode querer ver o que mais ela tem de bom. Meus vaqueiros são estabanados e podem desfrutar a sua fruta com maus modos e até judiação, não sei se ver isso vai te agradar”. Nilo muito a custo se controlou, e apenas disse “Vigiarei o gado”. Mas sem dizer nada à mulher, quando pôde comprou um revolver, coisa com que nunca havia lidado. Treinou a pontaria, e quando Ana questionou aquela extravagância financeira ele explicou: “Preciso vigiar o gado”. Foi a primeira e uma das raras vezes que mentiu para sua

mulher. No céu, o Senhor deve ter anotado aquela falha com um risinho bondoso, pois a adoração de Nilo por sua Aninha comovia até o ar e o vento.

O trabalho braçal pesado pode ter prejudicado a fertilidade de Ana, pois ela só teve três filhos, em tempos espaçados. Primeiro o Leôncio, depois o Lauro, que na adolescência sumiu no mundo, pois aquele sertão não era o seu lugar, e depois a Luanda, que aos três anos morreu de sarampo. Desde os dez anos Leôncio ajudou os pais na lida da terra. A mãe o ensinou a ler, escrever e a fazer contas, pois naquele lugar não havia escola. Muito novo, conheceu Luzia, que passou brevemente pela região, e quando ela foi embora Leôncio foi atrás dela dizendo que não aguentava sua falta. Declarou-se, a ela e seus pais, todos gostaram do seu ímpeto e da sua sinceridade, e marcou-se um casamento. Quando Ana e Nilo viram Leôncio chegar de volta, feliz e casado, a alegria foi dupla: o filho demonstrou não ser outro Lauro e ainda lhes trouxe uma nora bonita e boazinha. Festejaram durante três dias. Era setembro, e o novo casal viveu com os pais de Leôncio até o início das secas, quando passada a labuta do plantio, das capinas e da colheita, com a ajuda de Nilo e de Ana Leôncio construiu sua casa, bem próxima à dos pais.

Do ventre de Luzia nasceram Odorico, Nair, Nestor, Valdomiro, Lucas – que se tornou conhecido por Lucão, pelo alto porte e pelo vozeirão que atordoava os ouvidos – e Limiro. Nasceram ainda dois outros que morreram nos primeiros anos de vida. Odorico casou com Noêmia, filha de um vaqueiro de seu Augusto, Nestor foi morar na cidade, Nair casou com Casemiro, um bom moço da região, Valdomiro casou com Neide, da Forquilha. Cada novo casal construiu sua casa naquele lugarzinho escolhido por Ana e Nilo. Lucão ainda escolhia com quem casar, pois era muito exigente. Mas construiu uma casa melhor que a dos irmãos, na qual vivia com Limiro, que ainda estava novo pra casar.

As casas, bem próximas, formavam um U que rodeava um pátio. Se alguém falasse mais alto podia ser ouvido nas casas vizinhas, e as mangueiras plantadas por Ana e Nilo se elevavam frondosas, cheias de manga no tempo certo e passarinho o tempo todo. Odorico era o mais velho e os outros lhe prestavam respeito. Plantavam roças de milho, feijão e mandioca nas terras que seu Nereu lhes permitira cercar. E ainda mais um alqueire de arroz na parte encharcada da vereda, onde se o boi incauto afunda o pé não o consegue tirar. Não eram meeiros, entregavam apenas um terço da colheita ao seu Augusto, mas todo mês cada homem devia três dias de trabalho para ele, só pela comida. Reparando a cerca em volta do arrozal, seu Augusto foi irônico:

– Devem ser ricos pra gastar dinheiro com arame, boi nenhum se atreve a pisar por ali.

Era domingo e o sol rachava. Seu Augusto, que vinha pela estradinha trepidando e levantando poeira, desviou-se bruscamente rumo ao pátio de terra batida defronte às casinhas. Alguém veio apressado abrir a porteira e ele entrou no pátio devagar, deixando o jipe do lado de fora e observando as casas e as mangueiras. Com um forte grito espantou as maritacas barulhentas. Odorico, que observava tudo à sombra de um pequizeiro, o saldou:

– A que devemos a honra, seu Augusto? Não o convido pra entrar porque minha morada é um casebre. Mas se aceitar um café minha patroa lhe traz agora, ela acabou de coar.

– Tá muito quente pra café, mas aceito um pouco de água de bilha.

– Noêmia, traz água pro seu Augusto – disse Odorico para a mulher que assomava à porta.

Seu Augusto bebeu a água, exibiu o copo para que Noêmia o reenchesse, e após matar a sede e enxugar o suor do rosto com um lenço foi direto:

– Odorico, você que tem juízo nessa família cuida de dar um jeito na sua gente, que não está se comportando direito. Mais que isso, tem sido ingrata e atrevida. Desde o tempo de meu pai vocês, que se apossaram deste local sem pedir autorização nem licença, têm sido tolerados e bem tratados, mas têm me trazido problemas.

– Pode explicar melhor, seu Augusto? Posso pedir que aponte os problemas?

– Vocês não são meeiros, o que seria o justo, só me pagam um terço da colheita – olha só que regalia – e mesmo isso parece que está sendo sonegado. E o Lucão andou falando bobagens lá na venda do Nicanor, depois de beber umas cachaças. Que atrevimento é esse de entrar com pedido de usucapião?

– Esquece esse negócio de usucapião, seu Augusto. O Lucão andou falando isso também aqui entre nós, mas lhe falei que ninguém levará essa questão à justiça. Releva o Lucão e confia em mim. Quanto ao terço da colheita, todo mês cada um de nós também lhe presta três dias de trabalho sem pagamento. E não há sonegação de produto. O arroz já foi entregue, falta o milho e o feijão. Já colhemos o feijão, mas ele ainda não foi batido, e o milho ainda não foi colhido. Houve atraso. Pode ser que seu capataz não tenha informado que nas últimas duas semanas estivemos trabalhando pro senhor na colheita de milho lá na várzea do Ribeirão do Sono. Mas na semana depois desta que vem o feijão e o milho estarão separados para o senhor. Coisa pouca, como sempre, uns três carros de espiga de milho e seis sacos de feijão. Carros de quarenta balaios, na partilha do milho contamos cada balaio.

– Ludovico, aquele outro desmazelado, não me falou do serviço no ribeirão. Mas tem a palhaçada do Lucão. Direito a vinte alqueires de terra! Querem ficar ricos tomando terra minha? Usucapião é coisa de ladrão se aproveitando das más leis do governo! Bota freio na sua gente, Odorico, tou cansado de tolerar abuso.

Disse isso e se foi sem despedimento, ascendendo um cigarro. Lucão, que não concordava com a conduta de pacificação de Odorico, esbravejou.

– Vinte alqueires sim, é entrar na justiça e ganhar. E aí podemos plantar um arrozal de uns dez alqueires no encharcado da vereda, onde nem precisa cerca e a colheita é boa e certa, chova ou não chova. A gente vai ter até de contratar ajudante pra tanta lavoura. Colheita só nossa, dá pra viver bem e comprar até jipe e bons cavalos, um gadinho...

– Bravatas, Lucão. É a lei, mas seu Augusto tem a lei dele. O Osvando, lá da Vereda Alta, entrou com pedido de usucapião e apareceu morto com dois tiros nas costas, numa estrada erma.

– E ninguém apelou para a lei. Era só chamar a polícia de Cruz Alta.

– Cadê provas, Lucão?

– Tá claro, tá claro, só seu Augusto tinha interesse na morte.

– Ter motivo pra matar não prova que matou.

– Tou cansado desse conformismo, teve outras mortes.

– Meu irmão, pra um de nós evidências são provas, pros grandes donos de terra a coisa é outra. Assim é o mundo, desde que se alembra, e nada mudará isso. Temos tido o que comer, com o que vestir, cobertor pra por na cama quando chega o frio, que nessa chapada vem forte. Temos o leite de três cabras, temos galinhas, temos carne de capivara. No córrego da vereda há capivara até pra fazer estrago na roça de arroz, que dirá pra gente comer. Suçuarana que sobe as quebradas aqui engorda de comer capivara. Por aí tem criança chorando de fome, e mães desesperadas, chorando ainda mais que o filho, muita gente desvalida. Fora das fazendas do seu Augusto a coisa é ainda pior.

– O irmão é conformado com a pobreza.

– Pobreza digna, com o essencial e em paz com a vida e o mundo. Confia em mim e escuta o que falo, Lucão, a nenhum de nós falta o que comer e o que vestir.

Ilídia, uma conhecida lá da Forquilha, chegou aos prantos, suada e empoeirada. Noêmia acalmou um pouco seu pranto e perguntou por que chorava tanto.

– Seu Augusto, seu Augusto. Ele mandou buscar minha filha – respondeu com muito custo.

Noêmia abraçou Ilídia, coçou seu cabelo, ouviu seus soluços.

– Chore até se acalmar – disse enquanto puxava Ilídia até a bilha d’água, oferecendo o ombro para o choro da sua conhecida. Encheu um copo com água, despejou uma colher de açúcar mascavo e mexeu um pouco.

– Vê se consegue beber, vamos nos acalmar e aí você explica.

Sentaram-se em um banco até que Ilídia sossegasse os olhos vermelhos. Ana, avó de Odorico, que embora muito velha ainda fazia trabalho diverso, desde o início tinha parado de descascar arroz no pilão e observava tudo, sentada no pilão.

– Deixa eu contar. Seu Augusto agradeceu da Lucinha, viu ela quando a gente voltava da missa na capelinha. Um padre tá de passagem na Forquilha, celebrou missa e nós fomos, Lucinha e eu. Ele mandou buscar a menina, tem quatorze anos e tá com corpo de moça. Muito bonita, tem muito rapaz olhando pra ela. Mas os capangas do seu Augusto a levaram. O Pedro meu marido tentou impedir e lhe bateram sem dó, o braço ficou quebrado, o rosto sangrando.

– Mandou buscar a menina para abusar dela! Meu Deus!

– Ele deu em fazer isso, lá na Forquilha somos muitos, a Lucinha é a segunda que ele leva. E falam que tem outras, de outras bandas de suas terras. Seu Augusto vive na safadeza. Mandou fazer outro casarão na fazenda, num lugar longe que pouca gente sabe onde é. Lá tem muitos quartos pra moças ou mocinhas que ele usa como mulher. Algumas foram até por vontade própria, moça sem vergonha que quer levar vida boa sem ter de trabalhar. A casa é vigiada, se alguma moça quiser fugir não consegue.

– Família de homem imprestável – interveio Ana. – Faz sessenta e sete anos que os conheço. Primeiro o seu Nereu, neto de um dono perverso de escravos, depois seu Augusto, ainda pior que o pai. Escuta Ilídia, quando mais nova eu tentava entender as pessoas, hoje já desisti de entender até mesmo Deus, que nos fez. Deus é o grande mistério, é o mistério original, o mistério na sua imensidão. Aguardo a morte para dizer a Deus: agora me explica o Senhor, que sabe tudo, então sabe o que

tentei entender. Explica e depois decide o meu lugar, o inferno ou quem sabe o céu. Mas antes imploro a explicação para o mundo que o Senhor criou, pra tanta maldade que triunfa. E se meu lugar for o inferno, que lugar ainda mais perverso foi inventado para pessoas como Augusto Braga?

Houve um silêncio pesado, que Noêmia interrompeu:

– Isso aconteceu hoje?

– Foi ontem, e fiquei suplicando aos homens da vila que libertassem minha filha. Na noite não consegui fechar os olhos, e de manhã saí de casa e depois da vila, sem destino, acho que em procura de um milagre. Não houve milagre e cheguei até aqui, sei que não podem me ajudar, mas entrei para falar, falei durante o caminho pros tatus e pras maritacas.

Noêmia chorou junto com Ilídia. Ana colocou as mãos da mulher entre as suas, tentando amenizar com seu calor o desespero da outra.

– Não leva a sério o que falei. Tenho muita fé em Deus e na Sua justiça, que às vezes demora a chegar. Deus te dará força e arrancará sua filha das mãos daquele perverso.

Odorico e Lucão chegaram quando Ilídia já não chorava. Cumprimentaram a visitante, que quase nada falou, pois se começasse a falar o choro voltaria. Noêmia, com um gesto discreto, os conduziu para o pátio e lhes contou. Lucão esbravejou, Odorico o aquietou um pouco. Inconformado também com o pacifismo do irmão, Lucão caminhou pra sua casa gesticulando sem falar nada, e Odorico entrou em casa de novo com Noêmia.

– Nem sei o que falar, dona Ilídia, tenho vontade de consolar, mas não sei como. Não sabia desse novo desatino do seu Augusto, isso já passa dos limites. Deus console a senhora e o Pedro, pra Deus tudo é possível.

– Tem consolação, Odorico? Não quero consolação, quero a minha filha de volta.

– Acho que isso vai acontecer. Vai acontecer. Dá uma coisa pra Ilídia comer, Noêmia, quando ela estiver melhor vou levá-la de volta pra casa.

Odorico levantou dizendo que precisava ir a Cruz Alta. Nem cumpriu seu hábito de ver o amanhecer sentado no seu banco. Explicou mal a Noêmia o motivo da viagem, tomou um café reforçado e saiu de casa. Não tomou o caminho para Forquilha, não queria ser visto esperando carona pra Cruz Alta e seguiu direto rumo à estrada maior, cortando pelo cerrado. Lá finalmente passou um caminhoneiro que parou para ele, e Odorico sequer disse o seu nome correto para o bom homem. Só chegou a Cruz Alta ao anoitecer e no outro dia, quando a delegacia abriu ele estava lá, esperando. Ouvira falar do novo delegado Nonato, que tinha vindo porque naquela cidade os crimes cresciam descontrolados, e essa a era a razão da sua esperança. Um delegado destemido que havia domado outros lugares, era o que tinha ouvido. Não demorou muito que o delegado o atendesse. “Coisas que só posso falar pro delegado Nonato”, havia explicado às pessoas que primeiro o atenderam. Quando saiu da delegacia, Odorico sentia-se mais que esperançoso. Só então lembrou que estava com fome. “Isso é coisa que nem a lei nem Deus consente”, essas palavras de Nonato eram a razão da sua agora quase certeza.

As coisas de fato aconteceram. Em menos de uma semana a polícia chegou à fazenda de seu Augusto, depois de indagações. Nonato e oito soldados, montados

em dois jipes. “Houve denúncia de escravidão sexual de meninas aqui na fazenda”, foi o que Nonato disse a seu Augusto, depois da recepção surpresa e vacilante. Houve negação veemente, depois resistência e bravatas:

– O cume da infâmia, de desaforo, de atrevimento. Vai pagar pelo que está me dizendo, seu delegadinho de merda.

Nonato olhou brevemente para o fazendeiro sem mostrar irritação pela ofensa, e prosseguiu.

– O governo me paga, a ele presto contas, e eu lhe pago impondo a lei. Vou libertar as meninas, e se isso voltar a acontecer vou levar o senhor comigo, algemado, se for preciso até peado.

– Atrevido que puser a mão em Augusto Braga não vai viver pra contar vantagem.

– Coisa pra se ver. Já dobrei gente acostumada a mandar e desmandar, lá pro norte, quase na Bahia, onde o ar estremece com o sol e seriema não se afasta muito de onde tem água. Onde tudo se resolve no cano da parabelo e da carabina: o cangaço. Jagunços que deixariam Augusto Braga tremendo, se não borrando na calça.

A tensão, a raiva e a dúvida pairaram sobre a sala, mãos se moveram rumo às armas, o silêncio se adensou. A morte estava presente, e quando ela vem por demais feroz o diabo também comparece pra apreciar: o transe. Mas o momento não durou muito, logo chegou a certeza, os homens de Nonato eram em maior número e suas mãos eram mais ágeis, pois chegaram primeiro aos coldres. As balas que aguardavam aflitas a ordem dos gatilhos se acalmaram, nenhuma delas zumbiu. Augusto estava vencido, olhando para os seus homens pedindo que se rendessem. Vergonha, Augusto estava lívido e também alguns dos seus homens. Os revólveres foram recolhidos. As moças foram libertadas e Nonato nem insistiu em levar Augusto pra presenciar, levou só um dos capangas pra mostrar o caminho.

Quando os jipes da polícia deram partida, Augusto pôs pra fora da casa também os capangas que haviam ficado. Não queriam que ouvissem o choro de Miriná, que tinha escutado tudo. Miriná agora sabia de tudo, e seu choro era entrecortado por xingamentos: “Monstro, bandido! Cadê seus limites? Isso é o horror, é o horror”. Augusto entrou no quarto e mandou a mulher calar a boca, o que só piorou a situação. Miriná levantou-se da cama e trocou o xingamento por ameaças: “Agora vai viver de putas, pois comigo não dorme mais. Vou-me embora, não vivo mais nessa casa, você me dá nojo, seu imundo, seu desgraçado”. Augusto descontrolou-se de vez, ser humilhado também pela mulher passava da conta. Deu-lhe um tapa enquanto gritava “Cala a boca, histérica”. “Bate mais, bate mais. Desconta em mim, com mulher você volta a virar homem”, e Augusto a estapeou até que ela caísse de novo sobre a cama, meio inconsciente.

Depois da consumação desses fatos, seu Augusto parece que endoideceu: a humilhação mais dói em quem muito humilha. Andava pra cá e pra lá em seu jipe, esbravejando, descontando nos fracos. Sua raiva espumava. “Qual foi o cretino que me caluniou e que não é macho pra aparecer? Tou acoitando bandido nas minhas terras, gente imprestável que me trai. Aparece, Judas, eu mesmo vou enforcá-lo. Vou descobrir, vou escorraçar, depois de uma correção em que pedirá pra ser morto”. Questionou todo mundo na Forquilha e em outros lugares, sem que ninguém respondesse coisa de diferente de “Não fui eu e não sei quem foi”. O medo tomou

conta de todos, pois Augusto usava violência física na sua inquisição. Pedro, pai de Lucinha, apanhou até pedir misericórdia, pois era um dos mais suspeitos. O Farofa, um vaqueiro de seu Augusto que pedira as contas por causas de desavenças com o patrão, acabou morrendo no interrogatório. Batiam-lhe a pauladas, mas o sangue que lhe escorria não rendia qualquer resposta que prestasse. Aí um dos capangas lhe bateu forte na frente, onde não se pode dar paulada, e ele caiu, súbito, calado e morto. Ninguém teve a coragem de denunciar o crime. Lucão não deixaria de ser um dos questionados, e no seu caso a resposta foi verdadeira, pois só Odorico e Nonato conheciam a verdade, e ambos sabiam que se ela vazasse Odorico sumiria pra ser encontrado pelos carcarás e depois por urubus.

Muitos foram embora das terras do seu Augusto. Uns eram meeiros, outros, gente da Forquilha, mas também alguns vaqueiros arranjaram trabalho em outro lugar e pediram as contas. Mas acabou chegando mais gente do que saiu, pois casinhas foram deixadas pra trás, com terrenos preparados pra plantação, e também em outros lugares a vida não andava boa nem calma. E aquelas terras eram das melhores da região. Forquilha até cresceu o bastante para se comentar, pois seu Augusto andou propagandeando que suas terras eram um lugar de prosperidade, e caminhões fretados por ele recolheram gente desnorreada lá e acolá para descarregá-las aqui e ali, com promessas que não foram honradas.

O pacto, este é combinado pela intenção, pelo pensamento sem palavras, e no dia certo o diabo manda sinais: redemoinhos que rodeiam a pessoa, o lobo uivando à luz do sol, a galinha batendo nos próprios pintinhos, barulhos sem explicação. Era lua nova, essas coisas e ainda outras estavam acontecendo, e Augusto se preparou das maneiras que imaginou serem as certas. Praticou pequenas maldades, nada excessivo, apenas para se declarar decidido; seu cachorro saiu ganindo sem nada entender quando foi alegre receber o dono no pátio e recebeu um chute no focinho. Essa e outras maldades gratuitas, só pra o diabo se divertir e ver que ele estava pronto para o pacto. Os animais e as pessoas começaram a mais temer Augusto, o que ele notou com ar glorioso, antecipando outros dons que o estavam aguardando. *O tihoso concede esses adiantamentos como amostra do poder conferido pelo pacto*, e quando essa ideia lhe veio ele sentiu uma alegria maldosa.

Aquela seria a noite. O tempo demorava a passar e Augusto estava inquieto. Na sala o relógio batia anunciando as horas e suas frações irreversíveis, a aproximação da hora fatal, a cada batida mais solene. Augusto permanecia no alpendre, e a um rapaz que veio perguntar se precisava de alguma coisa ele deu uma resposta tão áspera que ninguém mais o importunou. Vacas e bois, quase invisíveis no breu da noite, rondavam a casa e os currais como sempre, mugindo, sacudindo o corpo barulhentemente pra espantar moscas, e suas presenças agradavam a Augusto, pois lhe faziam lembrar quanto gado ele tinha e em tamanhas terras seu gado podia pastar. *O melhor gado da região, nas melhores terras em um raio de muitas léguas. E seu grande senhor Augusto será ainda mais invejado e temido.*

Pouco depois de o relógio bater onze badaladas uma coã pairou sobre a casa e soltou três vezes seu canto bonito que a tanta gente causa medo, e Augusto percebeu que aquela era a senha para que ele comparecesse ao local. Seu formidável tordilho o aguardava, arreado com luxo e amarrado ao palanque, impaciente, relinchando e batendo a pata no chão como um ganhão faz diante de uma égua no cio. Augusto o montou e ele partiu sem comando nem vacilação, como que sabendo o

destino. Em meia hora o cavalo chegou à encruzilhada que há muito se formara próxima à enorme gameleira. Mesmo sem avistá-la bem, Augusto completou na mente toda a imagem: as raízes elevando-se até a altura das primeiras galhas, que se estendiam e caíam sob o próprio peso até ficarem ao alcance da mão. O pacto, Augusto sabia bem, só se faz à sombra de uma gameleira, e nela o diabo aguarda o pactário e a chegada da meia-noite, invisível na copa da árvore, comendo figos com os morcegos. O zumbido dos morcegos era audível. Augusto parou, não sabia como dar prosseguimento ao pacto, mas com certeza o diabo o presidiria e enviaria instruções. Parou e tentou controlar o tordilho, que ficou inquieto, mas não pôde evitar que ele empinasse repetidamente, relinchando. Uma porca apareceu, cercada por pintinhos e rosnando, e Augusto estremeceu, pois esse era um dos sinais mais inequívocos da iminência do pacto.

A noite gelou, tudo ficou alucinante, cheio de sinais apavorantes. Um vento repentino fez retorcer as árvores, que em vez de sibilar gemiam de dor, galhas estalavam e tombavam, uma luz passeou no ar qual um fogo fátuo. Latas, e não as havia por ali, voavam e rolavam carregadas pelo vento, e uivos de lobos encheram a noite. Um deles, descomunal, se acercou feroz, seus olhos eram brasas em que se podia acender um cigarro. *Este só pode ser o próprio demo.* O medo, que só aumentava com o concerto sinistro, tomou conta de Augusto, que tinha vindo decidido, mas não preparado para tamanha encenação, cujos detalhes as histórias não haviam contado. O medo foi mais forte que a vontade de pactuar, seu corpo não mais obedecia à mente. Augusto virou seu cavalo e o esporeou, mas o tordilho não concordava com a desistência e resistiu ao comando. Mas em pouco se acalmou, o diabo também já não parecia se interessar pelo pacto. Augusto partiu em disparada e só se assossejou ao chegar aos seus currais.

O pacto, tudo mostrava, não chegou a ser selado, Augusto não fora homem pra desempenhar a sua parte. *Realmente não aconteceu?* Perguntava-se Augusto. Torcia para que tivesse acontecido, mas não se convencia. *O pactário não tem dúvida quando tudo se completou, e também sente a força de quem tem o diabo ao seu lado. Derrota! Maldita derrota! Até o demo me renegou com desprezo. Perdi minha luta contra o Nonato, o maldito me venceu. Ele é que é o pactário, ele é que tem a força que o diabo concede, e agora ele vai tomar conta, já sabe de tudo e tá rindo de mim com beijo de cavalo relinchando.* O fracasso de Augusto, resultado da própria covardia, roeu-lhe fundo. Sua maior humilhação foi aquele medo que não deixou que ele enfrentasse o demo na cerimônia final. *O que o diabo mais cobra é coragem, ele despreza os fracos.* Afundou-se na própria amargura, no desabamento da sua autoimagem. Com custo, reconheceu os limites da sua coragem e determinação. A guerra estava perdida, não mais perseguiria os seus planos, não se vingaria da denúncia traiçoeira, não colocaria o Nonato no seu devido lugar. *Fique aquele desgraçado com o seu diabo e a sua danação.* Augusto desarticulou as iniciativas que estava engendrando para vencer seu adversário e reinar em suas terras sem empecilhos nem limites. E as pessoas notaram isso, mesmo que nada entendessem.

Odorico não se inteirou muito dessas coisas. Procurou ficar alheio, pois indagações e até mais proximidade com os fatos podiam pôr sua segurança em risco. Mas um relato chegou até ele, pela boca do Olindo, vendeiro de Forquilha de quem comprava coisas diversas. Tinham virado amigos, Olindo até o chamava de compadre, o seu modo de se declarar amigo de alguém. Num final de tarde Olindo chegou à sua casa trazendo umas rapaduras. Ele tinha comprado um burro novo e forte, e seu filho Dudu, rapazote de dezesseis ou dezessete anos, o usava pra fazer entregas na

vizinhança, o que vinha aumentando muito as vendas. Odorico alegrou-se com a visita, gostava da conversa de Olindo, e o gosto era recíproco.

– Boa tarde, compadre, como vão as coisas?

– Tou levando, ou elas tão me levando. Pelo formato do saco vejo que são as minhas rapaduras.

– E vieram melhores do que prometi, clarinhas e novas – disse enquanto apeava e desamarrava o pequeno saco de rapadura. – Olha só que lindeza de rapadura. Esse burro veio o tempo todo virando a cabeça para sentir o cheiro. É que o Dudu meu filho deu de dar rapadura pra ele, sempre deu muito milho, agora inventou de dar também rapadura. O bicho viciou em rapadura que nem menino de dente cariado. Quando amarrei o saco no arreio, ele sentiu o cheiro e ficou todo engraçadinho pedindo pra ganhar rapadura, e tive que lhe dar uma boa mãozada. Eu te trouxe também o querosene – disse enquanto tirava o galãozinho de um bernal.

– E vou levar hoje um saco do seu milho, depois o Dudu busca mais, bem mais, preciso de muito milho pras galinhas, pros meus porcos e pra esse burro mal avezado que não quer saber de capim.

– Tranquilo, estou com bastante milho.

Olindo sentou no tamborete, falou sobre o tempo, as cigarras que estavam chamando chuva, e depois tocou no assunto.

– E então, esse delegado Nonato deu jeito na valentia do seu Augusto, deve tá sabendo, não compadre?

– Não tenho acompanhado o assunto.

– Seu Augusto tinha contratado mais capangas, ficou com doze, mais que os dez soldados do Nonato. Precisava ter mais homens que o delegado, que certamente iria voltar se ele insistisse em judiar de quem não ajuda a deslindar a história das meninas. Pois o compadre acredita que o Nonato conversou com o governo e lhe mandaram mais dez soldados? Tá prestigiado, o Nonato, agora tem vinte soldados, isso já é tamanho de batalhão. Foi a notícia chegar e seu Augusto desistiu da sua investigação, nem toca mais no assunto. Tá manso que nem um ganso.

– É, notei que não se fala mais nisso. Parece que agora reinará a lei em Cruz Alta, muita coisa pode consertar – respondeu Odorico, logo percebendo ter falado mais do que devia.

– Se conseguir isso o Nonato consegue até se eleger prefeito.

– E ele quer ser prefeito?

– Não sei, mas se quiser se elege.

Odorico mudou de assunto, adotou aquele palavreado que mais serve para esconder o pensamento. Mas Olindo parece não ter notado, pois no primeiro atalho perguntou:

– Tá sabendo que o Pedro foi embora de Forquilha?

– Não, não sabia, tenho saído pouco de casa.

– Pois foi embora, ele e toda a família. Falou que ia pra Arinos, mas acho que foi pra Goiás.

– Por que acha isso?

– O caminhoneiro que o levou é de Formosa dos Couros, traz muita coisa pra mim e os outros comerciantes.

– Eu iria pra um lugar mais longe, quem sabe lá pros nortes, perto da Bahia. Escuto falar muito de São Romão. Lá ninguém visita essas nossas bandas, nunca vão

saber da triste história da família. Deve ter ido pra Goiás porque o cerrado de lá é parecido com o nosso.

– Muito parecido. E pra Arinos ele não iria mesmo, quem se acostumou com a chapada não tolera o vão.

– É, Arinos só serve mesmo é pra pescar, lá tem muito peixe.

– Chegado a pescaria, compadre, não sabia?

– Sou não, só falei porque gabam muito os peixes do vão, e de lá chega surubim salgado.

– Voltando ao Pedro, o coitado nem conseguia mais olhar na cara da gente, tava humilhado demais. E também sabe que nenhum rapaz daqui ia querer mais casar com a Lucinha.

– Num lugar onde não sabem da história ela pode até escolher marido, é danada de bonita.

– Deus lhe conceda um bom marido. Mudando de assunto, compadre, por que não cerca um pastinho na margem da vereda, onde não atola, pra ter uns cavalos? Dá pasto verde o ano inteiro, se quiser pode colocar até uma vaca boa de leite.

– Na vaca eu já tinha pensado, agora você vem com essa boa ideia do cavalo. Será que seu Augusto autoriza?

– Dou por certo que sim, você tem cartaz com seu Augusto, ele te elogiou lá na venda.

– Falou o que de mim?

– Primeiro falou mal dos seus empregados e meeiros, depois te citou como exemplo de como se deve comportar.

– Só tem um jeito de saber, vou conversar com ele.

– Vai conseguir. E vocês teriam mais conforto com montarias, esse seu lugar não é tão perto. Mas deixa eu ir. Saúde e paz pro compadre e toda a essa boa família. Aparece, homem, você sumiu!

A conversa com Olindo trouxe de volta o interesse em criar animais em um pastinho na franja da vereda úmida. Pra Noêmia, ele já tinha falado sobre isso, mas agora conversou também com outros membros da família, e o apoio foi unânime. A opinião do Lucão pra ele valia menos, pois este sempre tem olho grande, mas também era importante. Lucão era um irmão que tinha de ser prezado. E Lucão mais do que aprovou, comemorou com um soco no ar.

– Até que enfim você dá mais atenção pra coisas a que temos direito, Dorico.

Como todos estavam presentes, Odorico aproveitou para expor melhor a questão.

– Ter uma só vaca leiteira cria um problema, quando ela desmama não há boi para enxertá-la, e mesmo que tivesse enquanto prenha ela fica um tempo sem dar leite. Uma solução é vender a vaca e o bezerro após o desmame e comprar uma vaca recém-parida, nisso até sobra dinheiro.

– Dez vacas e um boi, essa é a minha proposta – interrompeu Lucão. – Aí a gente tem leite pra fazer queijo, coisa muito procurada na Forquilha. E uns seis cavalos, aí ficaríamos bem atendidos. Leite o ano inteiro, alguns bezerros pra vender todo ano, queijo pra gente comer e pra vender, e cavalos pra nosso uso e pra puxar arado. Três alqueires de pasto na vereda e um pouco de cana aqui no seco, acho que isso dá pra sustentar os animais.

Odorico concordou por alto com as contas do irmão e constatou que a ideia dele foi recebida com entusiasmo.

– Vou conversar com seu Augusto. Ele sempre dá uma passada por aqui, aí falo com ele.

Não tardou que seu Augusto aparecesse nas suas costumeiras visitas de verificação, e quando Odorico falou que queria lhe mostrar umas plantas os presentes entenderam que ele queria negociar com o fazendeiro de forma reservada, pois todos sabiam que Odorico tinha o seu modo de negociar. Os dois saíram fumando, mas Odorico interrompeu a caminhada na sombra da última mangueira.

– Seu Augusto, o que quero é lhe propor uma coisa. Desde meu avô Nilo, nossa família tem vivido nessas terras, servindo ao seu pai e depois ao senhor. Acho que essa parceria foi boa pros dois lados da balança. Cuidamos de toda essa vereda, onde vocês nunca tiveram problemas, e aqui também ganhamos o nosso sustento. Queremos continuar aqui, temos enfeitado convites de outros fazendeiros, e acho que aqui podemos também melhorar nosso nível de vida. E com uma concessão do senhor, isso será possível.

– De que concessão você tá falando? Toma cuidado com o tamanho da pedida.

Odorico explicou o projeto e o pedido. Três alqueires pra pasto na vereda úmida e meio alqueire a mais na campina pra plantar mandioca e cana pros animais.

– Isso pra nós traria muito ganho e acalmaria a tentação de aceitar convites vindos de fora. Nossa família deve crescer, há meninos crescendo, e ficando aqui o senhor terá benefícios. Mais mão de obra, parte gratuita, para atender o senhor sempre que requisitada, talvez aumento de terra pra roça em sistema de meia. Cuidamos bem das roças, elas produzem bem, com cavalos e um bom arado as roças ficarão mais produtivas; se for de interesse do senhor, podem ser aumentadas.

Seu Augusto ouviu, depois pensou com calma, pitando:

Caralho! Fala bem esse Odorico, parece até advogado. Se encontra um fazendeiro mais bobo ele come pelas beiradas, feito mingau quente. Vantagem ele quer levar, mas e eu, como fico? Três alqueires de vereda úmida, é muito capim bom que vou perder, na seca é o que mais sustenta meu gado. Mas ele pode ir pra outra fazenda, ficou conhecido e sabe o quanto vale, eu mesmo o gabei por aí, bobagem que fiz. E se eu negar, há ainda o risco do usucapião. Desde o tempo do avô estão nessas terras, sem contrato, sem salários, as leis são erradas e na lei ganham o direito de escritura. São muitos, podem ganhar muita terra. Nem pensar, nem pensar. Posso compensar um bocado da minha perda de pasto dando mais terra pra plantar na meia, metade pra cada um. Que eles cuidam bem dessas bandas, é fato, nunca tenho amolação nem roubo de gado.

– Odorico, seu velhaco, você conhece meu ponto fraco, esse meu coração mole. Vou concordar, mas é preciso reduzir minha perda, e isso dá rendimento também pra sua família. Quero que plantem mais quatro alqueires de milho consorciado com feijão aqui na campina. Plantação na meia, metade pra mim, não essa enganação de pagar um terço.

– Tá justo, tá justo. Mas será que a gente dá conta de tanta roça?

– Dá sim, é só ter mais vontade de trabalhar, e vão ter também arado e cavalos pra puxar. Arado desses pra dois cavalos. O pior da roça é preparar a terra no enxadão e enxada todo ano.

Acertou-se e fechou-se o negócio. Quando seu Augusto se foi e Odorico contou, houve urras de alegria. Festejaram. Frangos foram mortos, mantas de capivara salgada foram tiradas do varal e garrafas de cachaça foram abertas. Lucão sentia-se com a alma lavada, bebeu em excesso e ficou chato de tão pegajoso com Odorico, que finalmente o tinha ouvido.

– Mais esse brinde meu irmão, tou feliz demais por você ter seguido a minha cabeça. A gente vai melhorar de vida.

– Mérito seu, Lucão – confirmava Odorico. – Você propôs o que eu achava que seu Augusto não aceitaria.

No outro dia, Lucão nem foi trabalhar, pois amanheceu com ressaca. Dormiu até mais tarde e depois de tomar café foi cuidar dos seus passarinhos, limpar melhor as gaiolas. Pois Lucão tinha muitos deles e variados: canário chapinha, sabiá, trincaferro, curió, bicudo, pássaro-preto, e os mantinha em gaiolas penduradas bem alto pra gato não pegar nem menino querer brincar.

Desde pequeno Bruno foi um menino diferente. Sua bisavó Ana, que observava tudo, foi a primeira a notar que ele era também mais inteligente, pois desde os quatro anos queria aprender a ler, e ficava olhando a Folhinha Mariana, que era distribuída de graça na Forquilha, que estava crescendo, já contando com mais de cem almas. “Bisa, me ensina ler”, disse Bruno a Ana um dia, com a Folhinha na mão. Aprendeu muito rápido, a leitura e também a escrita e a tabuada. Lia o que via pela frente. Primeiro a Folhinha, que achava muito interessante e comentava com seu pai Odorico e a Bisa, que passava com felicidade e orgulho a mão na sua cabeça enquanto falava “Meninão esperto da Bisa”.

Ela lhe mostrou sua Bíblia, que tinha o hábito silencioso de ler desde a mocidade. Explicou: “Esta é Bíblia. Foi ditada por Deus a alguns homens em seus sonhos, por isso é o livro sagrado. É o Livro de Deus. Explica como Deus criou mundo, os animais e o ser humano. Adão foi o primeiro homem, feito à imagem de Deus, e de uma costela de Adão Deus fez Eva para ser sua mulher. Conta também a história do povo de Deus, que veio de Adão e de Eva, uma história longa e bonita. E também a história de Jesus, filho de Deus gerado no ventre de Maria, uma virgem santa escolhida por Deus. Foi criado para redimir os pecados do mundo e morreu torturado e pregado numa cruz. Olha aqui a imagem de Jesus pregado na cruz. O ser humano é maldoso e pecador, pecamos até em nossos pensamentos. Mas nem todos, o mundo teve muitos santos e santas. Maria foi o mais puro ser humano, não cometeu nenhum pecado. Pode ler, mas toma cuidado pra não estragar”.

Bruno começou a ler a Bíblia, o primeiro livro que viu na vida, e falava dela para a Bisa, que lhe contou sobre a existência de outros livros, sobre os incontáveis livros que existem, na nossa língua e em outras faladas por povos distantes. Bruno se interessou por mais livros, e Odorico comprou mais dois quando foi a Cruz Alta. Mas Bruno não cessava de pedir livros, e o pai ainda o encorajou. “Esse meu filho vai estudar, vai fazer o grupo escolar que estão construindo na Forquilha”, repetia Odorico com orgulho e felicidade. “Depois vai fazer o ginásio em Cruz Alta, e ainda depois vai para cidade grande fazer faculdade. Vai ser doutor”. “Vai ser padre”, dizia a Bisa, mas Odorico não concordava, seu filho ia ser doutor. Odorico calculava que se aumentasse a roça de arroz na vereda conseguiria sustentar os estudos do filho. Calculou o custo,

desde o preço que uma família de Cruz Alta lhe cobraria para hospedar seu filho, e convertia o montante anual em número de sacas de arroz com casca. Sondou o preço de pensão em cidade grande, a mensalidade de uma faculdade, e o arranjo lhe parecia viável. *Seu Augusto vai concordar em nos dar mais terra pra arroz, na vereda encharcada o gado não entra para pastar, se entrar atola.* Conversou com Noêmia sobre seu projeto de plantar uma roça de arroz só pra sustentar os estudos de Bruno. A mulher coçou a cabeça, não conseguia entender essa nova roça.

– Uai Dorico, por que você precisa plantar mais roça? Já temos tantas, e também dinheiro de bezeros e de queijo.

– Não quero precisar dinheiro da família pra mandar meu filho estudar na cidade. Nenhum desses outros meninos vai ter esse tipo de luxo, só o Bruno. Não é justo. Farei outra roça só minha, trabalharei mais duro e pagarei ajudante, que pode ser até um dos meus irmãos ou o Casemiro, mas lutarei pra ter outra renda, só minha.

– Então faz isso, cabeça dura.

Com certo temor – coisa que todo mundo tinha quando pedia algo àquele senhor de terras – e uma explicação sobre a inteligência do filho, falou com seu Augusto, que não entendeu por que Odorico precisava de mais roça. *Mas deixa ele fazer, terra onde gado atola não tem serventia pra mim, a não ser guardar mais água pras nascentes.* Foi por isso que seu Augusto aprovou imediatamente. “Esse seu menino Bruno vai ser doutor, vai ser engenheiro agrônomo”, decidiu seu Augusto com convicção e seu costumeiro ar mandão. “Doutor Bruno Alves, o primeiro engenheiro agrônomo do município de Cruz Alta. Nascido e criado na Vereda Longa, em terras do senhor Augusto Amarantes Braga, protetor de sua gente e promotor dos talentos da sua região. Segue adiante, Odorico, prepare mais um alqueire de terra úmida pra plantação de arroz.

Aos sete anos, Bruno ingressou no grupo escolar, e só tirava as maiores notas. Aos onze, concluiu o curso primário, e a professora lhe deu de presente um livro de histórias com dedicatória. Mas a ideia de sair de casa para estudar já não o empolgava como antes. Na verdade, havia mais do que falta de entusiasmo: Bruno passou a demonstrar medo de ir para Cruz Alta e lá passar o ano, longe dos pais e da Bisa. Noêmia e Odorico, ao perceber o medo, o acharam natural. Ainda muito pequeno o nosso menino, ficar mais ano com a família lhe fará bem. “Vou comprar mais uns livros para ele encher o seu tempo, e com isso também entrar no ginásio com mais saber”, disse Odorico pra sua mulher, que ficou feliz com o novo plano. Bruno ouviu a decisão, acatou com satisfação e chegou a sugerir uns livros que ele achava oportunos e interessantes.

Mas algo a mais estava acontecendo com ele. Deu de ficar retraído, sem querer conversar com as pessoas. Fechava-se no quarto e ficava lá, lendo ou apenas pensativo. Deixou de falar com a Bisa sobre suas leituras, respondia o que lhe era perguntado com poucas palavras. Seu isolamento só foi aumentando. Seu medo de ir para a cidade não diminuía com o tempo, percebia-se que ele aumentava. Todos na casa estavam preocupados, a velha Ana, que conhecia Bruno melhor do ninguém, estava mais do que isso. Reparava o menino e sua conduta avessa à convivência, e quando ele se recolhia ao seu canto ela às vezes chorava, também se recolhendo ao seu. Podia ocorrer de ela começar a pilar o arroz, com o dorso um pouco corcunda e cabeça abaixada, e Noêmia pôde notar que pingos de lágrima às vezes sucediam ao bater surdo da mão de pilão. *Não, não é suor, o rosto está enxuto, é lágrima,* concluiu

Noêmia. E isso a assustou mais ainda, pois a vó Ana tinha a mais fina percepção das mentes e corações.

A mudança de comportamento do menino foi se acentuando, e a consternação se agravou e se alastrou por toda a família. Noêmia ia atrás do menino, como se sua presença e o seu carinho pudessem trazê-lo de volta à normalidade. Odorico não era mesmo. Saía para o trabalho com passos lentos e a cabeça abaixada, terminou seu namoro com o céu, as nuvens e os pássaros. Vovó Ana refletia em silêncio, estalando os dedos endurecidos pelo trabalho. Um dia recomendou uma benzedeira que ela conhecia. Benzeu-se o menino, benzeu-se o seu quartinho, um puxado da casa que Odorico havia feito quando seu filho demonstrou tanto interesse pelos estudos e pela concentração mental. Uma fé passageira penetrou os corações, mas logo se desfez, pois nada mudou.

Odorico e Noêmia levaram Bruno a um médico de Cruz Alta que estava ganhando fama na cidade pela sua capacidade de curar pessoas. Odorico fez um breve histórico do filho: muito inteligente, interesse em aprender ler aos quatro anos, o gosto pela leitura e pelos livros, o grande sucesso na escola primária, os planos de estudos futuro. E passou-se ao exame, que não teve nada de físico, pois o corpo de Bruno parecia estar em bom estado. Mas o exame foi longo, pois o médico queria saber tudo sobre o comportamento de Bruno, o que havia mudado nele e o que preocupava os pais. *Com tanta consideração de detalhes esse médico vai achar a cura para meu filho*, pensou Odorico, o que encheu seu coração com um sentimento de conforto, e para que a conclusão do médico fosse mais precisa e a cura mais profunda, Odorico ficou colaborativo, contando detalhes sobre o comportamento do filho, que o médico ouvia com atenção e depois de ouvir fazia outras perguntas. No final o médico fechou sua convicção. Disse a Bruno que queria falar em particular com seus pais, o que ele atendeu com alívio, pois aquela lengalenga o estava angustiando. Quando Bruno saiu do consultório, o médico fechou a porta e sentou-se enfrente aos pais. Entrelaçou os dedos das mãos, vagorosamente, como que buscando as palavras. Pigarreou duas ou três vezes e enfim falou:

– Pessoas tão inteligentes quanto o filho de vocês são especialmente frágeis. São vulneráveis a uma doença grave que não ataca seu corpo, mas atinge profundamente a mente. Bruno é mais um desses casos. Ele sofre de esquizofrenia, uma doença que a medicina não consegue curar. Esses fatos que ele narra não são visões, são uma coisa chamada alucinação, uma coisa que só ele vê e é realidade na sua mente. Durante o sono a mente de todos nós cria coisas irreais, cria até histórias, isso é o sonho. A mente de algumas pessoas pode também criar coisas, sensações e histórias quando elas estão acordadas, e isso é muito comum no esquizofrênico, que comumente confunde alucinação e realidade. É muito triste que a medicina ainda não tenha remédios capazes de curar seu filho, mas ela tem remédios que amenizam seu sofrimento, que é intenso, e vamos usá-los. Infelizmente Bruno está sofrendo mais do que vocês.

Noêmia caiu em um choro soluçante, Odorico buscou consolá-la, e teve força pra não chorar também. O médico também foi consolador, e também preparou uma água doce que deu a Noêmia e Odorico, à qual pingou adicionou algum remédio que lhes trouxe um pouco de calma. Abriu a porta, chamou André, deu-lhe uma tapinha carinhosa nas costas e lhe disse que o seu mal era excesso de inteligência.

– A cabeça nenhuma aguenta tanta inteligência – completou.

– Mas vamos cuidar de você, sua mãe e seu pai e eu. Você vai ter de usar uns remédios. Brincar, conversar e ouvir os outros também ajuda. Volte tranquilo para casa.

Os três saíram, os pais mais infelizes que o filho. Odorico comprou dois remédios e falou em presentear Bruno com um livro. “Quero não, pai”, disse Bruno com o seu tom sumário. “Mas Você gosta de ler”. “Hoje não quero”. A viagem de volta, na carroceria de um caminhão, foi demorada e sofrida. Bruno ouvia calado as conversas dos pais, a mãe se esforçando pra não chorar, e o que mais queria era chegar logo, tomar banho de caneco e deitar na sua cama.

A notícia fincou no coração de Ana como um punhal fino. A velha senhora, que nunca havia adoecido, pegou a mais terrível das doenças, a tristeza que nunca passa. Seu corpo curvou-se mais e seus olhos, que em toda uma longa vida transmitiam força e aceitação, perderam seu poder. A vovó vai morrer, dizia-se também com tristeza, mas ela não morreu. *Posso morrer não, não posso trazer mais uma tristeza para o Bruninho*. E sua determinação a fez viver. O mal de Bruno só se agravou. Os remédios tinham pouco efeito, ele ficou cada vez mais acabrunhado, e também deu de ter crises de agressividade. Agredia os outros, e às vezes também a si mesmo. Feria seus próprios braços com algum prego ou caco de vidro e ficava vendo o sangue escorrer. Quando aquilo era visto, todo mundo acorria, desesperado, e se lhe perguntavam por que se machucava, ouviam: “A dor da ferida me distrai da dor no coração, que é muito maior”.

A desolação tomou conta da família. Chorava-se e não se consolava. Logo o Bruninho, aquele menino bonito, tão precoce e inteligente, que antes falava com todos, muitas vezes falando de coisas que só ele sabia. O menino que encantou a família e até toda uma escola e os professores, agora sempre enfiado em algum canto que nem cachorro que apanhou. Um cachorro que não morde os outros, mas que morde si mesmo. Noêmia vivia com os olhos vermelhos, Ana balançava a cabeça e fazia gestos, como se estivesse questionando o próprio Deus, e depois lavava as panelas ou punha algum arroz no pilão pra socar, num esforço que parecia lhe causar algum relaxamento. Após isso, rezava, beijando o crucifixo que sua mãe lhe dera. Lucão não sabia se esbravejava com seu vozeirão ou se dava soco na parede, por isso fazia as duas coisas. Numa das vezes quebrou um dedo, que a vó Ana enfaixou separado e depois com toda a mão, com panos limpinhos, o tempo todo explicando: “Faz isso mais não, Lucas, você não vai querer imitar o Bruninho e também se machucar”. Odorico era um mistério. Sempre triste e atento ao menino, mas não descuidando do trabalho e da orientação de toda a família, cujo peso ele tentava amparar nos ombros. Algumas vezes se isolava, de preferência na beira das pindaibas, parece que buscando alguma consolação.

Enfim foi decretada a sentença:

– Ele vai ter de ser internado em um hospital do governo pra pessoas doentes da cabeça, se não for pra lá vai acabar se matando. Lá ele viverá um pouco sedado e sofrerá muito menos – disse o médico de Cruz Alta, que já providenciara tudo.

– Dona Noêmia, a senhora, tão crente em Deus e em Sua sabedoria, aceite a vontade divina. No fundo não sabemos nada, só Deus sabe, e com certeza um lugar no céu está guardado para a senhora e para o Bruno.

Levaram-no e ele não resistiu nem chorou, foi a única pessoa da família que não chorou. Depois de alguns dias em que ficou quase catatônica vó Ana decidiu:

Agora posso morrer. E morreu. Morreu como uma vela que consumiu sua cera, cuja chama mingua ondulante até se apagar, deixando a sala na escuridão. Em um sentido a morte de *vó Ana* representou também certa treva, pois sua sabedoria era uma luz para a família. Não tardou muito que Bruno, que nunca soube da morte da *bisa*, também morresse. A causa da morte nunca foi bem explicada. “A *Bisa* veio buscá-lo”, repetiu *Noêmia* durante dias, semanas, “agora os dois estão felizes”, e essa convicção a curou.

A roça de arroz nunca foi plantada. *Odorico* não chegou a precisar dela, e ninguém na família queria plantar mais arroz do que já se plantava, pois as novas roças preparadas com arado eram mais lucrativas. Tinham de recorrer a ajudantes pagos para capinas e colheitas, gente da *Forquilha*, mas a colheita era muito boa e cobria tudo com sobra. A vida havia melhorado. As casinhas receberam pisos de cimento e eram iluminadas com lampiões de gás, de luz bonita e forte. Nas noites as luzes dos lampiões vazavam nas janelas formando rastros que se alargavam com a distância. As mulheres tinham vestidos bonitos e bons sapatos para irem a *Forquilha* aos domingos, tinham armários comprados na cidade para guardar as coisas, os meninos ganharam bicicletas para ir à escola, todo mundo usava sabonete cheiroso pra se lavar. A família havia aumentado, da barriga de *Nair*, que ela nem ainda não tinha aposentado, saíram quatro meninas e três meninos, a barriga de *Neide* gerou dois meninos e duas meninas. *Casemiro* e *Valdomiro* aumentaram os quartos das suas casas para comportar seus filhos. As crianças estavam crescendo saudáveis e barulhentas. *Odorico* ainda tinha dois filhos, a *Sônia*, mais velha que o Bruno e o *Oswaldo*, mais novo do que ele. A vizinhança se referia à família como “os *Alves*”, ou às vezes “a gente do *Odorico*”.

Limiro, o irmão mais novo de *Odorico*, andava lá pela casa dos vinte e um anos, três anos menos que o *Lucas*. Era alegre e brincalhão, fora da lida gostava muito de se divertir. Como *Odorico*, amava a natureza, e uma das suas distrações era visitar a *matinha* das *pindaíbas* e *pau-pombo*, onde se ficasse bem quietinho podia ver o *chororó* e a *três-potes*, que ele achava bem parecidos, os dois com aquela cor de rapadura clara e o corpo gordinho. A *matinha* ficava na cabeceira da vereda, onde a terra era úmida, mas não encharcada. Havia o cerrado, depois uns *buritis* e abaixo deles a *matinha*; a terra encharcada ficava mais abaixo. E isso era bom, pois se podia chegar à *matinha* e andar por ela sem nem mesmo molhar a botina. *Nilo* e *Ana*, quando chegaram àquele lugar, acharam isso muito conveniente, e também surpreendente, pois não conheciam os segredos das veredas, que são muitos, pois as veredas fingem ser parecidas, mas não muito diversas, cada vereda é quase única. Também *Ana* e *Nilo* gostavam muito daquela nascente e da sua água.

O *chororó* canta pouco no meio do dia, mas os casais de *três-potes* não param de cantar, e seu canto ecoa na copa das árvores, se esparramando. Era naquele lugar escolhido pelas *três-potes* que brotava um olho d’água poderoso, cuja água formava o mais elevado rego da vereda. *Limiro* adquiriu como rotina encher um galão com aquela água, que levava pra casa e era a preferida de todos. Bebia-se aquela água, fazia-se café e comida com ela. Bruno, quando ainda estava bom da cabeça, às vezes acompanhava o tio até a *matinha*, por isso a saudade de *Limiro* ficava maior toda vez

que ele ia àquele local. Mas Limiro tinha dois sobrinhos preferidos, o segundo era Sônia, a irmã de Bruno, ano e meio mais velha que ele, e a amizade entre Limiro e Sônia aumentou desde a doença do pobre menino. Sônia, tanto quanto Bruno, gostava do jeito alegre do tio Limiro, que ambos chamavam de Liminha. Não tardou que Sônia quisesse acompanhar o tio na visita à matinha, e bebesse a água lá na mina antes de voltarem pra casa.

A amizade entre Sônia e Liminha era muito bonita, mas não durou tanto, pois Sônia deixou de acompanhar o tio nas idas à matinha. Indagada pela mãe, a mocinha respondeu apenas “Cansei de ir lá, é sempre a mesma coisa”. Mas Sônia começou a ficar nervosa, e a mãe ficou aterrorizada, pois antes de adoecer o Bruno também tinha perdido o gosto de acompanhar o tio. “A doença deve ser um mal de família”, falou Noêmia a Odorico, e ele balançou a cabeça em sinal de concordância. Para agravar mais o problema e a preocupação, Sônia começou a ficar nervosa, e a desolação outra vez caiu sobre a família: Sônia estaria também ficando esquizofrênica. Mas os sintomas não eram tão iguais, pois Sônia não ganhou a mania de se recolher na solidão. Houve um resto de esperança.

Não é esquizofrenia, afirmou Odorico com tom de certeza, é preciso entender o que deu na Sônia, e sua convicção abalou a quase certeza dos outros. Isso foi bom, pois a certeza põe um ponto final da indagação. E foi mais do que bom, pois nada seria igual à doença que levava Bruno, aquela pérola encantada da família. Sônia começou a ser observada, consolada, tolerada na sua súbita esquisitice. Noêmia acendeu uma vela pra Nossa Senhora da Consolação e convidou Soninha pra também rezar agradecendo: ela não tava com esquizofrenia, doença que machuca demais e depois mata. Não tardou que descobrissem com que ela tava, pois ela mesma confessou: estava grávida, e o pai era Limiro. A revelação caiu como um raio no seio da família.

Incesto, a praga maldita desde a Bíblia! O chão desabou sobre os pés de Noêmia, e ela não parava de chorar. Todos encaravam Limiro como se ele fosse uma besta. Aquela criança não poderia nascer, proclamaram alguns, Deus havia amaldiçoado o pecado do incesto com uma condenação: a criança nasce com terríveis deformações que denunciam sua origem. “Meu neto vai pagar pelos pecados dos pais, não podemos permitir que ele nasça”, dizia Noêmia andando pra lá e pra cá, “isso não é justo”. “O incesto é o segundo pecado original, quem nasce dele paga por ele”. Houve quem lembrasse uma criança que nasceu, segundo testemunhas, com um só olho, e a mãe a estrangulou enquanto a amamentava. No mínimo nasce com cara de cachorro, rabo de porco ou cérebro mais mesquinho que o de um macaco, atestou Nair. E as deformações, medonhas mesmo que ainda invisíveis, já teriam tomado conta do feto. Ele não pode crescer e nascer, em torno disso criou-se um quase consenso. “Chá de casca de barbatimão ou de cipó-preto”, instruiu Casemiro, “até vaca perde bezerro se comer essas plantas, e esse cerrado tem muito barbatimão. Fava de faveiro do campo também faz vaca perder bezerro, mas agora não é tempo de fava”. Olhou para os circundantes e disse que faria o chá, se assim decidissem. “Quer trem amargoso, experimenta casca de barbatimão, o amargoso curte couro de vaca e até de onça, mas é o que mais recomendo”, ele completou olhando para Sônia com cara de piedade.

Sônia ouvia aquelas coisas e chorava infundavelmente de remorso e a amargura de sentir-se tão reprovada. Não conseguia saber se queria ou não ter o filho, mas quase não comia, a barriga crescia e o corpo não engordava. Odorico se isolava

pra pensar, não acreditava na maldição do incesto, mas mesmo assim a temia nos seus momentos mais sombrios – *Trem danado, maldição pode valer até mesmo pra quem não acredita* – e era um dos menos falavam. A aurora, predita pelo chororó e confirmada pela três-potes, amansava um pouco seu coração e esse consolo dava pra continuar tocando a vida. E insistia que Sônia comesse, se não se alimentasse direito sua desnutrição é que seria a maldição da criança.

– Falam muita coisa, é quase sempre crendice, nessa maldição eu não acredito. Mas come coisa forte para que o neném cresça.

Limiro era cada vez mais arredio, nunca falava nada, e era um dos mais tristes. Não conseguia sustentar o olhar de ninguém na família, e ninguém iniciava conversa com ele. Buscar água na vereda, antes para ele um divertimento, tornou-se quase apenas o seu modo de evitar os olhares de condenação, e quando chegava colocava o galão sobre a mesa da cozinha e ia para o quintal, pra não fazer nada. O temor, a dúvida e a revolta tomaram conta da família.

Depois de um olhar longo, Lucão partiu pra cima de Limiro, que tentou correr, mas foi alcançado na porteira, e todos viram Lucão bater no irmão mais novo sem piedade nem limite. “Vai matá-lo!” gritou Luzia, a mãe dos dois, e sem parar a execução a mãos nuas Lucão respondeu: “É o que ele merece!” “Ele é a maldição, a praga do Egito”. Odorico ouviu os gritos, saiu da casa e foi ágil. Correu até a porteira e agarrou o braço de Lucão, que quase não resistiu. “Assassinar irmão é muito pior, é o pecado de Cain”, disse, e depois de soltar o braço de Lucão ajudou Limiro a se levantar. Mulheres vieram lavar o sangue de Limiro, que permanecia parado, recostado no batente da porteira, cheio de humilhação e de medo.

Limiro foi expulso da família. A expulsão não se expressou em palavras, sim no silêncio dos parentes quando ele se aproximava. Aquilo havia começado desde que se soube do ocorrido. Ele percebeu que sua presença não era mais desejada, que o amor que antes tinham por ele havia morrido, que ele matara esse amor com seu enorme erro. *Errei demais, não mereço o perdão da família, vou-me embora para me purgar, fazer o bem para que Deus talvez me perdoe*. Enfiou suas roupas e outras coisinhas numa mala. Isso foi notado, e o rumor se espalhou. Odorico o alcançou já fora do pátio, e o diálogo foi curto:

– É, você tá indo embora.

– Estou, fui expulso e mereci.

Odorico estendeu a Limiro um maço de notas, economia que ele tinha a precaução de ter para alguma situação mais difícil, e seu irmão caçula olhou para o dinheiro com um misto de vergonha e indecisão.

– Pegue, leve este dinheiro, vai precisar.

Limiro apenas abaixou a cabeça, mas Odorico insistiu com um tom de ordem, mesmo procurando não ser rude. Mas afinal gritou:

– Pegue, estou mandando!

Limiro pegou o pacote e enfiou debaixo da camisa.

– Procure o seu rumo e não retorne.

Limiro olhou brevemente para todo o grupo defronte as casas, virou as costas e se foi, andando com pressa, olhando pro chão. Como Odorico estava de costas para o restante da sua família, ninguém viu as lágrimas que rolaram dos seus olhos. O peso de tudo aquilo, e no final o ato de escorraçar seu irmão caçula foi um peso excessivo para seus ombros. Só quando o irmão sumiu na estrada e as lágrimas se enxugaram,

Odorico retornou para o grupo, que tudo observava em silêncio. Colocou a mão no ombro de Noêmia e com ela entrou em sua casa. Todos os seguiram, e a casinha ficou pequena para todos. Sônia era quem mais chorava, cheia de vergonha e de culpa. Noêmia tentou acalmar a filha, e Odorico falou com a tranquilidade que conseguiu:

– Não te culpo, minha filha, você ainda é uma criança, foi não sei de que forma levada ao erro. Não acredite nessa falada maldição, sua criança virá saudável e trará alegria pra nossa família, Deus é bom. Levanta a cabeça e fica tranquila. Criaremos sua criança como se fosse filha nossa, nada faltará a ela, e nosso amor por você será ainda maior.

Disse isso enquanto puxava Sônia para junto do seu corpo e alisava seu cabelo.

A criança nasceu e era uma menina saudável e bonita: Deus a havia abençoado. Festejavam e precisavam escolher um nome para ela. Foi Noêmia quem propôs o nome Ana, e a resposta foram murmúrios de aprovação. Individualmente, todos ali na cozinha tinham prestado respeito e reverência à vó Ana, mas agora o ato foi coletivo. Foi como se Ana, o grande símbolo da família de perseverança e força, pairasse sobre todos. Que a pequena Ana seja como sua tataravó, Noêmia murmurou quase só pensando, mas todos a ouviram e alguns assentiram com a cabeça, sem falar nada.

A vida seguiu e a plantação cresceu, como nos anos bons. Quando o milho já estava com cinco palmos, o feijão foi plantado nas suas entrelinhas e já estava no ponto de dar flor. O arroz estava granando, era preciso espantar as maritacas, como todos os anos, pois sem essa proteção ninguém comeria daquele arroz. De amolação nova, só houve aquela visita do seu Augusto e sua fala de homem desalmado:

– E então, o menino Bruno gorou, quem ia imaginar isso. Foi pro hospício e lá mesmo morreu. Uma grande perda pra vocês e também pra mim. Pois ele prometia ser um bom engenheiro agrônomo, e meu plano era plantar roças de sumir de vista sob a sua orientação. E a sua outra filha nem chegou a ser promessa pra nada, a primeira coisa a fazer na vida foi ter um filho sem pai. Odorico, você que tanto acredita em Deus tá precisando rezar mais. Tá crescendo sadia, a criança?

– Graça a Deus tá sim, sadia e bonita. Deus é grande e justo, mas Sua sabedoria é tão grande que não conseguimos entendê-la, assim como uma criança pequena não entende uma pessoa ajuizada. Teve seus motivos pra levar o Bruno. Estamos aqui de passagem, a vida é apenas uma provação, e já quando Bruno era menino talvez Deus tenha pensado: “Ele já nasceu pronto para a eternidade, não precisa passar pela provação humana.” Mas primeiro deu-lhe uma doença dolorosa pra que a gente mais facilmente conformasse com a sua morte. Bruno não gorou, apenas não precisou viver muito para merecer o paraíso.

– Nesse caso, o que me diz da velha Ana?

– Viveu muito para ensinar outras pessoas, pois era iluminada.

– Olha aí, falou bonito! Mas tenho que ir ver outros meeiros, essa ronda minha, se não conferir tudo a coisa desanda.

As famílias haviam retornado a sua rotina, como um doente depois da convalescência. Odorico, fiel aos seus costumes, continuava se levantando antes do alvorecer. E mais uma vez estava sentado no seu banco de madeira bruta, apreciando o nascimento do dia. Foi quando Noêmia o rodeou e apareceu à sua frente. Odorico não pôde fazer nada: tarde demais, as lágrimas se exibiam em sua face.

– Chorando, homem? Pensei que vinha aqui pra fora para ouvir os passarinhos.

– É, de uns tempos para cá deixo as lágrimas caírem, não preciso fazer nada, é só deixá-las rolar como uma espécie de remédio. Esse ar fresco purifica o corpo, a cantiga dos pássaros lava a alma, o choro que rola livre deixa o coração mais leve, meio curado.

– Chora porque fica pensando nas coisas ruins?

– Os pensamentos vêm quando a gente tá sozinho, e aí vem de tudo, a pessoa se encontra com ela mesma, com ela completa. Os pensamentos, as lembranças, os projetos, as incertezas, as esperanças, as decepções. Também as saudades, as nostalgias boas e as grandes tristezas. Tento ganhar alguma sabedoria de tudo isso.

– Sabedoria é a arte de viver?

– Você disse e eu concordo.

– E o que tem aprendido?

– Paciência e aceitação do que vida nos sorteou, às vezes vem zap, mas na maioria delas vem quatro de espadas, no máximo um valete.

– Mas isso você já tem.

– Agora tá sendo custoso aceitar o que o Limiro fez, mas tá passando.

– Pra mim também. E o Bruno?

– Do Bruno já sarei, ou quase, tou conformado. Sei que você ainda sofre muito.

– Sofro, mas agora é quase só saudade.

– Acho que a saudade nunca acaba, só passa a visitar a gente mais espaçado.

– O Lucão ainda anda mais calado.

– Acho que tá procurando criar mais juízo. Ele tem excesso de honestidade, aquele tamanho de excesso que torna difícil aceitar o erro dos mais fracos. É um bruto de bom coração, tomara que encontre uma mulher igual você.

Noêmia calou-se, parece que emocionada, talvez pensando, mas logo mudou o assunto:

– É... Dorico, é a primeira vez que sento aqui com você numa hora dessas.

– Acho que sim, e é bom que você chegasse depois que terminei o encontro comigo, que tem de ser sozinho. Onde você se encontra com você?

– Quando faço a comida, quando lavo a roupa ou varro o chão.

– Pra mim só dá certo se fico quieto nesse meu canto, esperando o encontro acontecer.

– Cada um tem seu jeito. O frio tá chegando.

– Sim. Já é maio, hora do frio começar. Mês bom, mês bonito, sol o dia todo, mas fresquinho. Mês bom pra trabalhar no tempo, não tem chuva nem aquele solão danado.

– É, desde o meio de abril não chove.

– Desde abril, mas andei olhando o céu tentando entender, pois hoje tá prometido chover.

– Você e suas predições.

– Aposto. Ontem à tardinha as andorinhas tavam voando baixinho, tirando

rasante no chão. Isso é chuva certa no outro dia.

– Tem vez que você acerta.

– Muita vez. E nem a Folhinha Mariana acerta sempre.

– É difícil ... – novo silêncio – E a Aninha, não tá crescendo bonitinha demais?

– Tá sim, a danadinha. A vida é doida. A gente agora tem uma netinha e uma filha pra acabar de criar. Vida doida, mas se a gente pensa bem, gostosa de viver.

– Tou curtindo a Aninha até mais do que curti meus filhos.

– Eu também, é com os netos que a gente apura o gosto de amar. Mas vamos entrar, é hora de fazer o café.

– Vamos ficar mais um pouco, tá muito bom aqui, a gente tem esquecido um do outro... Hoje é sábado. Tou pensando em fazer uma galinha, de que maneira você quer que eu faça? E o que mais você quer comer com a galinha?

– Vou pensar. A gente toma também uma cachaça enquanto a galinha cozinha, você deve tar pensando em galinha que já parou de botar, dessas que custam a cozinhar, mas dão caldo melhor.

– É dessas mesmo. Alembro que tamos sem lenha de vinhático, pra galinha velha só ela serve. Queima firme, sem crepitar, e solta um cheiro gostoso que passa pra a comida.

– Vou ali no cerrado e é só escolher, tem com fartura. Tem também o murici, dele também você sempre gostou.

– Hoje o que quero é vinhático, mas traz também murici, pega fogo mais fácil e queima quase tão firme. E gostei da lembrança da cachaça. Aí a gente fica mais solta, continua essa prosa devagar, em tom mais alegre. Se o choro alivia, o riso manda a tristeza catar coquinho pra lá donde o morro desce.

Quando o Lucão chegou sem aviso com a Tereza na garupa do cavalo, todo mundo ficou intrigado e curioso. É que ele era namorado, mas nunca tinha trazido nenhuma das suas moças pra apresentar à família. Os Alves mais ficavam sabendo delas por menções de gente da Forquilha, e quando eles chegavam a conhecer de vista uma das suas namoradas ela era uma ex, pois o namoro tinha terminado. Era domingo, e naquele dia e mesmo no sábado havia comida melhor, compartilhada em um galpão construído sob uma mangueira, amplo e contando com um fogão grande com trempe de quatro bocas. O Lucão contava com isso, pois foi logo falando que tinha trazido a Tereza pra almoçar com a família.

– Benvinda à nossa família, Tereza – falou Noêmia tomando a frente. – Estamos muito contentes de te conhecer. Como hoje é domingo, todos nós juntamos as panelas nesse galpão. Apresenta melhor sua namorada, Lucão, tamos curiosos, e vejo que os olhares são de aprovação.

– A Tereza é de Cruz Alta, mas foi na Forquilha que nos conhecemos. Hoje veio pra conhecer todos vocês, a gente tá pensando em se casar.

Oooohh!

Foi um oohh de tanta festa que fez a Tereza corar.

– Dá licença pra abraçar sua noiva, Lucão, vou dar um grande abraço na minha cunhada.

Odorico falou isso enquanto já dava três passos rumo a Tereza, a quem deu um abraço prolongado, balançando a moça para um lado e o outro, e depois disso se

fez fila pra abraçar Tereza. As mulheres a beijavam. E aí foi abrir mais garrafa de cachaça, fazer mais suco de abacaxi pra que as crianças também brindassem.

– Dá suco também pra Tereza, ela não bebe.

– Fico até vexada, não vim preparada pra tudo isso. Família alegre a sua, Lucão, e muito simpática. Estou comovida.

– O casamento vai ser em Cruz Alta, seu Joaquim e dona Maíta fazem questão de dar uma festa na cidade, têm família grande. Mas já ficou combinado que vamos morar aqui, naquele meu barraco.

– E aí vai acabar de educar meu irmão, Tereza, dar-lhe bons modos, ele esconde o grande coração com modos rudes. Tem vergonha de ser educado.

Lucão fez um gesto com o braço na direção de Odorico, Tereza só entendeu as coisas pela metade e as mulheres agiram como se nada tivesse acontecido, estavam habituadas com aquelas trocas de ‘delicadezas’. Mas como Tereza não sabia de nada, Odorico pôs uma mão sobre o ombro do irmão para que seu afeto por ele ficasse claro. Conversou-se, indagou-se. Tereza queria saber o nome de todo mundo, quem era casado com quem, e quais eram os pais daquela menina. Contou que seu pai era comerciante, ele e a mãe tocavam uma lojinha de tecidos que lhes “dava um baita trabalho, pois havia bom número de fregueses, e mostrar os tecidos mais propícios pra cada um toma tempo”. – Comerciozinho, vocês sabem como é, quando alguém procura um pano que a loja não tem papai faz encomenda e o freguês prefere esperar.

– E como vocês vieram a se conhecer na Forquilha?

– Não foi na Forquilha, foi em Cruz Alta. Mas já tinha vindo aqui pra conhecer o local e o grupo escolar. Vou dar aula nele, eu tinha três lugares para escolher em qual deles trabalhar e quis conhecer os três.

– Ela é professora, minha gente, professora formada, com diploma e tudo, novinho. Uma professora diplomada para o grupo de Forquilha.

– Professora formada, chique pra lá dos últimos! Vai ser uma honra pra nossa família.

Outra vez Tereza enrubesceu, mas logo se controlou.

– Gostei muito do lugar, que céu mais lindo, que ar!

– Mas morar na roça, pra uma moça da cidade... Acostuma?

– Agora entendo por que Lucão tinha tanta coisa a fazer em Cruz Alta.

– Pois você acredita que sempre gostei de passear na roça? E esse lugar é meio especial.

– É mesmo, aqui é tudo diferente. Até à noite o céu fica meio azul pela luz da lua, ou mesmo só das estrelas.

– Passarinho de fora muda pra cá, passarinho que nasce aqui não muda pra lugar nenhum.

No casamento houve duas festas, uma na cidade e outra naquela mesma sombra de mangueira, pois Lucão queria que toda a vizinhança conhecesse sua mulher. Eram férias escolares e em um mês ela se iniciou como professora. Tereza era uma mulher alta e bonita. Seus cabelos castanhos caíam sobre os ombros, e a brisa da chapada brincava com eles, como brinca com tudo que balança.

A separação da dona Miriná de seu Augusto foi tumultuada, pois Augusto queria ficar com quase todos os bens, e Miriná não abria mão das terras que havia herdado do Marido.

– Depois do Ribeirão do Sono, tudo é meu. Augusto não comprou nenhuma daquelas terras e lá ganhou muito dinheiro, com o qual comprou mais terras deste lado do ribeirão. Mas destas não faço conta, só quero o que já era meu.

Augusto não dobrou a mulher, e seus advogados não acharam brecha na lei para sequer ser indenizado pelas benfeitorias. Do costume de levar tudo no grito e na valentia ele havia desistido desde quando foi recusado pelo diabo. O Nonato o vigiava de longe e mesmo de perto, pois era desses delegados que visitam a esmo todos os locais do município. Numa dessas visitas, ele estava em uma venda quando Augusto entrou pra comprar cigarros. Augusto fingiu não tê-lo notado e dirigiu-se reto ao balcão, mas às suas costas ouviu o cumprimento, com voz educada.

– Boa tarde, senhor Augusto.

Houve um silêncio de vacilação e após ele a resposta:

– Boa tarde, delegado.

Augusto recebeu os cigarros e pagou, depois saiu sem olhar para Nonato, mas o vendeiro e outro homem presente afirmavam ter ouvido delegado comentar com voz tranquila:

– Não tenho nada de pessoal contra o senhor Augusto. Minha conduta é profissional e não há nenhuma outra queixa contra ele.

Miriná tomou posse das suas terras, com um número de cabeças de gado que o juiz estipulou, mas parece que nem veio pra conferir. Um capataz que ela contratou conferiu tudo, e desde então administrava o fazendão. Homem vindo de fora, que não tardou a fazer amizade com a vizinhança. Mesmo com Augusto ele tinha uma boa relação de fazendeiro confrontante.

Seu Augusto casou de novo com Helena, filha de um fazendeiro distante. Moça de uns quase trinta anos, uns dez anos mais nova que seu Augusto. Não havia se casado antes porque quando ainda muito moça adoeceu de tuberculose. Acabou ficando por muitos anos em um sanatório de Belo Horizonte, onde conseguiu se curar. Depois de dois anos de expectativa e frequentes exames na capital, que comprovaram que a cura era permanente, Helena retomou sua vida normal, atenta a quem sabe algum pretendente a marido. E vários apareceram, pois ela era bonita. Helena teve duas filhas e um filho, pouco espaçados, e quando o filho finalmente nasceu seu Augusto não se continha de felicidade. Erguia o menino ao alto, segurando-o pelo corpinho, enquanto exclamava: – Meu pimpão! Meu garotão do saco roxo. Meu sucessor! A cara do pai! – E olhando pra dona Helena preconizava: – Vai ser valente e realizador, tomará conta de si mesmo e das irmãs. Que nome lhe darei? Tou pensando em nome duplo, coisa como Augusto Heleno. Soou bonito, ou não soou, Helena? Calou, concordou, esse vai ser o nome do garotão.

A família começou a perceber que Totonho, filho de Nair e Casemiro, era mais inteligente que seus primos, que também eram meninos bem espertos. Mas ele era mais curioso e observador, cheio de perguntas difíceis. A mãe foi a primeira a notar, pois quando ele fez quatro anos começou a lhe ensinar a escrita, coisa que tentou esconder. Mas Totonho mesmo se denunciou, pois começou a dizer a cada um dos seus primos: – Sei escrever o seu nome. Alguns, que já estavam na escola, duvidavam e ele retrucava:

– Me dá um lápis e papel que lhe mostro – e antes de qualquer reação ele começava a soletrar o nome do teimoso.

Todos reagiram com temerosa cautela, a história do Bruno tinha deixado na família um medo da inteligência excessiva. Nair tava até arrependida de ter ensinado Totonho a escrever. *É perigoso, não se deve aguçar a inteligência de um menino tão pequeno.* Odorico não se contaminou pelo medo dos outros. *Inteligência não adoce a cabeça de menino, o meu Bruninho foi um caso diferente, ele foi um eleito de Deus.* E vasculhou os livros de Bruno, que ele conservava com cuidado em um pequeno baú, em busca de um livrinho mais simples que Totonho pudesse entender. Foi pego em flagrante por Noêmia, que decifrou o que o marido pretendia.

– Faz isso não Dorico, deixa o menino amadurecer no seu tempo.

– Ele quer aprender mais, não foi isso que adoeceu o Bruninho.

– Tenho medo, e a Nair também está com medo. Atende o meu pedido, respeita o medo de duas mães.

Dorico repôs o livro no baú, cobriu tudo novamente com o pedaço de lençol e fechou a tampa.

– Tá bom, não acredito, mas respeito o medo de vocês – e saiu de casa pra se espreitar debaixo das mangueiras, onde caminhou em círculos, pitando.

A família vai desperdiçar a inteligência do Totonho, pela superstição de que inteligência demais causa esquizofrenia. O menino podia ser doutor e não vai ser. E a saudade do Bruno, que o visitava “mais espaçado” voltou, o que o fez chorar um pouco pra ficar tranquilo.

Totonho, não se sabe como, descobriu o desejo do tio Odorico de estimular seu aprendizado, e passou a rodeá-lo.

– Tio, falaram que o senhor guarda uns livros.

– Quem te falou isso?

– Nem lembro mais – Totonho mentiu.

Odorico percebeu a mentira e até aprovou. *Acha que quem contou fez coisa errada e não o quer incriminar.*

– Tenho uns livros, mas não são apropriados pra sua idade. Quando você estiver mais adiantado na escola pode ler, se quiser.

Mas Totonho queria ver os livros. Escarafunchou e os encontrou no baú. *Nossa, que tanto de livro!* Exclamou mentalmente quando levantou o lençol. E seus olhos recaíram exatamente no que estava mais acima, desencaixado. O Gato de Botas, leu intrigado. *Fica engraçado um gato com botas.* Ouvia um barulho, fechou apressado o baú e enfiou o livrinho debaixo do calção. Foi direto pro seu quarto. Esse foi o começo de muitas leituras escondidas. Quando se descobriu, houve alvoroço e temores.

– O Totonho anda lendo os livros do Bruno! Exclamou Nair preocupada.

– O tinoso o levou até os livros – completou Casemiro. – Ele gosta de ver pessoas sofrendo, quer adoecer também o Totonho pra nos fazer sofrer.

– Para de imaginar coisas, Casemiro – disse Odorico. – Se há um culpado sou eu. O Totonho me perguntou sobre uns livros que eu tinha, confirmei que guardava alguns, mas ele ainda não tinha idade pra lê-los. Esperto, como é Totonho os descobriu e passou a pegá-los emprestados pra ler. Na verdade eu sentia vontade de deixar que Totonho os lesse, mas a Noêmia me pediu pra não fazer isso.

– Será que leu livros demais? Isso é perigoso, pode deixar o menino doido.

– Perigo algum, Nair. Ninguém ficou doido por ler livros, e a maioria dos doidos não leu livro nenhum.

– É perigoso sim, aqueles livros têm de ser queimados.

– Ninguém vai queimar os livros do Bruninho, Casemiro. Vou pôr cadeado no baú.

Totonho ficou decepcionado com a descoberta e com a punição. Ainda tinha um livro escondido, que só havia começado a ler, e o leu aos pedacinhos, como criança que come a última bolacha do pacote.

Aos sete anos, Totonho ingressou no grupo escolar. E como já era previsto, era o melhor aluno da sua turma.

– Da turma, não, da escola – esclareceu Tereza, que tudo acompanhava de perto, embora Totonho não fosse seu aluno.

Na verdade, Tereza pensava igual a Odorico, não entendia aquele temor em estimular a inteligência do menino. Lucão lhe havia explicado o trauma deixado pela doença do Bruno, mas ela não acreditava que estudos excessivos fossem a causa da doença. Mas exceto para o marido, nunca opinava, preferia respeitar os temores. E foi um alívio ver que o desenvolvimento de Totonho foi saudável. Ao completar os quatro anos do curso primário, Totonho manifestou intenso interesse em continuar os estudos em Cruz Alta.

– Não sente medo de ir morar numa pensão em Cruz Alta, longe da mamãe e do papai?

– Tenho medo não, mamãe. O que quero é estudar, vou sentir saudade, mas isso é preciso.

– Vê como ele não sente medo, minha gente? O caso dele não tem nada a ver com o do Bruninho, que desde antes de terminar o primário já começou a querer ficar sempre sozinho e com medo de ir pra longe de casa.

Essa observação de Odorico trouxe um pouco de tranquilidade, mas não tanto. Conversou-se em público e em particular, mas nada se resolvia, o temor ainda era grande.

– Nair e Casemiro, o que acham de levamos o Totonho ao doutor Ludovico, lá de Cruz Alta? Ele foi muito rápido em descobrir a esquizofrenia do Bruninho e deve ser capaz de prever o perigo de uma criança adoecer com ela.

– Pode ser – respondeu Nair.

– Não custa ir, depois de ouvir o médico a gente decide.

Foram a Cruz Alta, e agora era mais fácil, pois havia até um ônibus que percorria os distritos, saindo da cidade. Odorico foi junto, queria entender direito a palavra do médico. O médico o reconheceu imediatamente e ficou preocupado quando viu outro menino da idade do Bruno.

– E em que lhe posso ser útil, Odorico?

Odorico mais uma vez descreveu a história de um menino muito inteligente que gostava de livros e queria estudar na cidade. O médico ficou pensativo por um instante. *Tendência familiar à esquizofrenia?* Mas quis saber mais, o que realmente importava era o comportamento do menino.

– O que os preocupa no comportamento do Totonho?

– Ele é inteligente demais, isso é perigoso.

– Algumas poucas pessoas muito inteligentes ficam esquizofrênicas, mas a grande maioria não fica.

– O doutor tá falando que ser muito inteligente não é perigoso?

– Sim, falo que não é. Fora gostar muito de ler livros ele se comporta como os outros meninos?

– Ele é como os outros, só tem essa mania de ler, que a gente controla.

– Eu gostaria de conversar um pouco com o Totonho, só nós dois. Podem aguardar na antessala? – e logo que os adultos saíram o médico falou:

– Totonho, tou te achando com uma cara muito boa, até achando graça. O que acha de tudo isso?

– Bobagem, eu não sinto nada.

– Gosta de ficar sozinho?

– Só quando estou lendo, fora isso o que mais gosto é de me divertir com outras pessoas.

– Você lê muito?

– Leio menos que gostaria. Lá em casa há muitos livros, mas os guardam trancados para que eu não leia. Só leio livros não escolares na escola, lá tem alguns livros bons, de vários assuntos. Mas tenho pouco tempo pra ler na escola.

– Você gosta de conviver com os estudantes da escola?

– Com todos não, doutor, uns meninos são bem chatinhos, sem graça, o que gosto mesmo é dos meninos divertidos. Mas não rejeito ninguém.

– O que vai fazer se vier estudar em Cruz Alta?

– Estudar muito, fazer amizade com os colegas; de cara eu descubro os colegas mais interessantes e me aproximo deles.

– A arguição tá terminada, Totonho, você é um menino muito bom da cabeça.

Disse isso e abriu a porta, pedindo que os parentes entrassem.

– Nada de perigo de esquizofrenia. O Totonho é um menino alegre e extrovertido, que gosta da convivência com os outros e de falar o que pensa.

– Tá terminada a consulta?

– A menos que queiram que eu examine algum outro de vocês, está terminada. E não se preocupem com o Totonho, sua cabeça é pra lá de boa.

Saíram do consultório, sem nenhuma receita nem conselho, aliviados. Odorico, que nunca sentira qualquer preocupação, foi logo falando:

– Agora vocês vão me desculpar, mas quero levar o Totonho à livraria pra escolher uns livros. Eu pago com muito prazer. Vamos logo, pois temos também de comer, essa confirmação da saúde do Totonho me deu fome. E tem mais: o Totonho vai ganhar os livros do Bruninho, e quando vir pra Cruz Alta vai ter uns trocados, do meu bolso, pra comprar livros mais avançados.

– É, o Odorico já decidiu que ele vem fazer o ginásio em Cruz Alta – comentou Nair, vencida. – E parece que o médico também aprova, o jeito é a gente deixar, Casemiro.

Totonho ouvia tudo, contente, e levantava disfarçadamente olhares para a cabeça do tio Dorico, que entendia os seus desejos. Silenciosamente os dois faziam um pacto.

Pedro era o mais levado dos primos. Tinha doze anos e era o líder, embora houvesse meninos e meninas maiores. Seu pai Valdomiro não sabia como conter o menino.

– Êta menino custoso – repetia Valdomiro – desde pequeno tem o diabo no corpo.

– Deve trazer mesmo é um macaco – consertou Lucas – pois já aos nove anos não havia mangueira em que ele não trepasse até as grimpas. E eu até aproveitei disso, escolhia uma mangona bonita lá no alto e mandava ele ir lá pegar pra mim.

Pedro era também um bom cavaleiro, desde pequeno um bom cavaleiro. Começou montando em pelo, pois não tinha força nem altura pra arriar um cavalo, e saía em disparada pela campina, grudado no lombo que nem um carrapato. Ensinou aos primos mais corajosos como fazer isso, e era difícil controlar a molecada, pois faziam isso às escondidas. Agora já arriava bem o cavalo, apertando a barrigueira com força pra não ter perigo de o arreio deslizar ou virar. Pedro gostava dos cavalos, e eles também gostavam dele. Havia completado o primário no grupo escolar e agora ajudava no serviço, era um menino trabalhador. Mas fora do trabalho, fazia estripulias, das mansas e das bravas. E estava também ficando bom no carteado, tinha comprado seu próprio baralho pra praticar suas trapaças.

– Esse é o Pedro Malasartes, quando escolheram o seu nome já previam no que ele daria – foi o que Lucão afirmou numa das conversas sobre o menino.

Pedro, que ouvia a conversa, não sabia quem era esse outro Pedro, mas rebateu:

– Quer levar uma surra no truço, Tio?

– No truço pra mim você é patinho, seu moleque.

– Então me desafia, truço de mano, só nós dois, assim o perdedor não pode por a culpa no parceiro.

Não houve o jogo, o Lucão não quis desafiar. *Vai que esse pirralho me vence.* A família gostava do menino, com a idade ele ia tomar jeito, talvez se tornasse só um rapaz exagerado de esperto, desses que dão nó em pingo n'água. Divertido ele era demais, além da esperteza essa era mais uma razão pela qual ele comandava todo grupo de menino com o qual se envolvesse.

Compraram um novo cavalo, Lucão o escolhera. Um alazão alto, musculoso, de cabeça elevada.

– Este vai ser o meu cavalo. É forte, bonito, novo, e veloz. Dei-lhe o nome de Ventania.

E Lucão desfilava com o Ventania, elegantemente, quando oportuno o fazia disparar em galope, no qual sua velocidade era percebida e admirada. Nunca usava espora, o Ventania não precisava ser fustigado, era um cavalo fogoso, cheio de ímpeto. Bastava um toque com o calcanhar na virilha e a liberação da rédea para que o cavalo disparasse. Pedro observava o tio cheio de inveja.

– Tio, deixa eu dar uma volta no Ventania.

– Melhor não, você vai querer exagerar.

– Exagero não, quero só andar um pouco e dar uns dois galopes pra sentir a velocidade.

Pedro voltou ao assunto, e depois de nova negativa numa terceira vez Lucão acabou cedendo. Era um domingo, e outros presenciaram, pois muitos dos familiares estavam presentes. Valdomiro foi o mais reticente sobre o consentimento. Conversou com Pedro sobre os riscos.

– Cuidado com alguma pequena moita, há muito buraco de tatu por aqui. No limpo o cavalo vê o buraco e o evita, mas a galope ele pode não ver um buraco escondido e pisar nele. Com tanta bosta de gado tem cada vez mais assa-peixe nessa campina, e tatu faz buraco debaixo dele. Tombo terrível. Mais perigoso que você cair do cavalo é ele cair com você no lombo. Teve bom cavaleiro que morreu numa queda de cavalo. E nunca entre no cerrado, fica só na campina, no cerrado uma galha atravessada pode bater na sua cabeça ou no peito, e aí é difícil a coisa não ser feia.

Pedro ouviu e entendeu, na verdade sabia desses perigos que o cavaleiro corre. O cavalo já estava arreado, tinha sido cavalgado pelo Lucão, e Pedro o montou. Inicialmente, o manobrou, na proximidade das casas, mostrando bom comando. Depois deu um estirão de uns quinhentos metros, escolhendo uma área quase só coberta de capim puba, comum na região. Depois outro estirão na direção de volta. Foi no meio desse percurso que apareceu um veado campeiro, um veado com chifre bonito que habita as campinas e cerrados e é uma das caças preferidas dos caçadores. Pedro não resistiu, e o cavalo também gostou daquilo. *Vamos ver se o Ventania é capaz de perseguir um campeiro.* Cutucou mais forte o cavalo e soltou a rédea. Ventania partiu rumo ao veado, com toda a velocidade que conseguiu.

As pessoas observavam, e se alarmaram.

– O Pedro é doido, é doido! – gritou Lucão, e se até o Lucão falava desse jeito o perigo se revelava grave.

Pedro permanecia pregado ao arreio. Percebeu que o campeiro mudou o rumo da corrida para atingir o cerrado, e era preciso evitar que ele conseguisse. Fustigou o cavalo, que em pouco tempo se emparelhou ao campeiro e estava prestes a ultrapassá-lo. Foi quando o previsível ocorreu. O veado negaceou, freando, procurando escolher outro rumo. No que o veado freou, freou também o cavalo, estacado, e Pedro voou no ar como um saco de batatas. Gritos, desespero, homens e meninos correndo ao local do acidente. Para alívio dos que chegaram primeiro, Pedro estava vivo, gemendo, e não havia sangue. Seu braço direito estava quebrado, logo se descobriu, e ele não conseguia se levantar. Mas as pernas estavam em bom estado, era a coluna. Carregavam Pedro, e ao ver isso as mulheres mais ainda se

desesperaram. Um menino veio correndo para explicar que Pedro estava vivo, mas sem conseguir andar.

Precisavam levar Pedro pra Cruz Alta, e Lucão foi enviado a Forquilha pra encontrar uma condução. Por sorte não demorou a conseguir, veículos automotores estavam ficando mais banais em Forquilha. Valdomiro e Odorico carregaram Pedro, que da cintura para baixo não conseguia mover nada, e o ajeitaram no banco traseiro do automóvel, com travesseiros. Tinham encharcado o menino de tanto remédio pra dor que ele oscilava entre gemer e cochilar. Valdomiro sentou-se no banco traseiro, colocando a cabeça do menino no seu colo, e Odorico sentou-se na frente com o motorista. Outras pessoas que estavam no carro ficaram pra trás, iriam de ônibus. A trepidação torturava o menino.

As chapas de raio-X revelavam muito bem: a coluna tinha sido ferida um pouco acima da cintura.

– Ele vai sarar, doutor?

– Sarar ele vai, mas o difícil é que ele volte a caminhar. O mais provável é que ele fique paraplético da cintura pra baixo. Lamento dizer, esse garoto vai viver o resto da vida sobre uma cadeira de roda.

O Pedro paraplético – o médico explicou a palavra certa –, isso seria triste demais, insuportável. Houve choros de desespero, e depois mais acalmados, houve promessas diversas, feitas aos santos mais poderosos e a Nossa Senhora. Houve benzeções. A melhor benzedeira de Forquilha foi enviada pra benzer o menino ainda no hospital, e ela fazia isso repetidamente com as melhores ervas e as rezas mais milagrosas, quando os médicos permitiam sua entrada no quarto. Um quarto frio, com piso de ladrilho quase branco, com teto e paredes brancos. Pedro já estava internado cinco semanas, e não mais sentia dor alguma. Mexia o braço direito engessado e o outro com desenvoltura, e o resto na parte superior do corpo estava normal, mas na parte de baixo ele não movia nada, sequer um dos dedos dos pés.

Valdomiro e Odorico encomendaram uma cadeira de roda, não havia para pronta entrega, mas seria recebida em muito breve, na Forquilha. Desde a internação de Pedro, Odorico já havia se informado sobre os custos do hospital, que era da prefeitura e não visava lucro. No caso de pessoas incapazes de arcar com o pagamento, a prefeitura arcava com tudo, já os com mais posses pagavam tudo. Odorico já havia negociado um meio-termo, que lhe disseram ser comum, em que o que se pagaria um valor mais em conta. E como passou parte daquele tempo em casa, e tinha um dinheiro guardado para imprevistos, já o havia trazido.

– Preocupa não meu irmão, você me paga uma parte quando puder, e outros da família também vão ajudar, já me falaram. Você entende, na nossa família um escora o outro, pois sozinho cada um de nós é fraco.

A coluna do Pedro estava bem recuperada, em mais cinco semanas estaria curada. Ele podia ir pra casa, mas nessas cinco semanas deveria ser mantido deitado. O nervo machucado não seria mais capaz de funcionar, a perda dos movimentos das pernas seria permanente. Isso não foi contado ao menino, lhe deram esperanças que se desencantariam aos poucos, e aos poucos ele também se conformaria com a sua condição. Em mais dez semanas ele passou a dividir a cama e a cadeira, e a benzedeira ainda afirmava a sua fé, o que para uma coisa valeu, a consolação do menino e dos parentes. Quando Pedro completou treze anos, o que se comemorou com uma festinha mais quieta, a verdade já havia se imposto com essa franqueza que as más verdades no final sempre têm.

E o Pedro, o supostamente moleque Pedro, revelou uma face desconhecida: a determinação em manter sua alegria e em programar formas de trabalhar, de encher seu tempo e de se manter. Depois de muitas cogitações, decidiu:

– Vou fazer arreios, cabrestos, rédeas e laços. Rédea de crina de cavalo, arreio de couro de vaca, cabresto e laço de couro de veado, a melhor corda que existe. Vou aprender um pouco na Forquilha como aprendiz do Beraldo, depois sigo o meu caminho. Vou ficar bom nesse assunto.

E em pouco tempo ficou. Trabalhava assobiando, brincando com quem se aproximasse, feliz. No truco era invencível. Aos dezenove anos já namorava. Comprava todos os couros de veado da vizinhança, pois seus cabrestos e laços ficaram afamados. Nas suas mãos a resistência, elasticidade e leveza das cordas de couro trançado de veado, naquele sertão reconhecidas como inigualáveis, ganhavam um nível maior: o conferido pelo capricho, a atenção ao detalhe, por mãos que aprimoram sua habilidade. As encomendas eram tantas que Pedro não encontrava tempo pra fazer outra coisa senão laço e cabresto. Alguns o chamavam Pedro Trançador de Laços.

– A vida tem lá suas surpresas, algumas vezes irônicas – comentou Pedro. – Perseguir um campeiro me deixou paraplégico, o couro do campeiro virou meu ganhão. O campeiro, que não teve culpa de nada, também sem saber disso hoje me recompensa.

– Interessante essa sua observação – respondeu Odorico. – Mas às vezes fico pensando que você mesmo inventou tudo isso pra dar a volta por cima com seu jeito brincalhão. Faltou mencionar o arreio, que foi a primeira coisa que você quis fazer, e o laço, outro dos instrumentos do cavaleiro. A vida sozinha não inventa tanta coisa, tudo isso foi invenção sua.

Pedro gargalhou meio que confessando.

O tempo corria, trazendo no seu rastro as mudanças, as transformações que são sua verdadeira essência. Totonho, que nunca ficou ruim da cabeça, estava pra completar o curso de medicina na Universidade de Minas Gerais, na distante capital. Um rapaz talentoso, que mesmo na faculdade esteve sempre entre os primeiros alunos da classe. Ana, a neta que Odorico criou e educou como filha, estava moça em vias de se casar, e Sônia, sua mãe, havia se casado e tinha três filhos do casamento. Pedro era casado e pai de dois meninos e duas meninas. Muitos casamentos ocorreram na família Alves, e muitos filhos foram gerados deles. Forquilha já não era uma pequena vila, lá viviam mais de trezentas pessoas. Era um local onde boiadeiros vinham comprar gado, que ali se tornara mais abundante e de melhor qualidade, gado nelore que seu Augusto havia introduzido na região. Havia duas pensões, mas os compradores de gado preferiam a do Nicanor, cujas crônicas do passado daquela região de veredas à noite divertiam os hóspedes.

Nicanor, aquele mesmo que por muito tempo teve uma venda movimentada. Ao perceber a demanda por hospedagem construiu sua pensão ampliando a própria casa, que incluía a venda. Sete quartos, um pra ele e sua mulher e seis para os hóspedes. Na sala havia uma mesa pra catorze cadeiras, onde o jantar era servido às seis horas. Numa das paredes havia prateleiras com garrafas de bebida e até cigarros. Cachaças selecionadas, tanto as cristalinas quanto as envelhecidas em tonéis de bálsamo e amburana, e também vinho e licores de qualidade questionável. Numa geladeira a gás, havia cerveja e refrigerantes. Era naquela sala que depois do jantar Nicanor contava as suas histórias, apenas interrompidas para um ou outro pedido de esclarecimento. Embora já com os cabelos encanecidos, Nicanor gozava de perfeita saúde e tinha uma memória infundável e infalível. Para os compradores de gado, que eram a maioria dos hóspedes, ele também sempre tinha informação sobre como andavam a oferta e os preços.

O maior progresso em Forquilha tinha sido a construção da olaria na várzea do Ribeirão Indeciso. Esse nome tão incomum do ribeirão exige uma explicação. É que ele corta uma área tão plana de terras do seu Augusto que faz isso com demasiadas ondulações. A planície é grande, cobre milhares de alqueires. O ribeirão quer seguir na direção do vão do Urucuia, mas seu caminho é meio errático, em alguns pontos ele até volta em vez de avançar. Na verdade ficou bonito, o ribeirão também se alargou como se fosse um pequeno rio pra comportar a água vagarosa, e essa geometria

vacilante rendeu ao ribeirão seu nome, dado pelos primeiros colonos. Nicanor afirmava que também os índios, isso muito antes, chamavam o riozinho por uma palavra deles que quer dizer desatinado.

– Na verdade, não tenho segurança sobre o significado da palavra dos índios. Pois também ouvi dizer que o significado é arrependido. Ribeirão Arrependido, querendo voltar pra sua nascente. Belo nome. Mas é sorte que não conseguiu voltar e teve que despencar nas quebradas rumo ao Urucuia, o que faz de modo muito bonito. Corredeiras e uma grande cachoeira, a das Andorinhas, uma queda de oitenta metros. Já estive lá várias vezes, e da estrada que vem pra chapada a gente avista a cachoeira de longe, a água despencando meio coberta pela sua neblina.

Seu Augusto reparou que naquela várzea depois das enchentes a terra se empedrava, coisa que só acontece naquele ribeirão. Viu também que a terra não tinha areia. Aquilo, depois se confirmou, era argila das melhores pra tijolo e até pra telhas. *Um rio de dinheiro, argila nessa chapada é rara, os tijolos e telhas vêm de longe*, comemorava interiormente seu Augusto. Agilizou a instalação da olaria, trouxe oleiros de longe e propagandeou seu produto nas cercanias e até mais distante. “O melhor tijolo e a melhor telha de Cruz Alta, e tenho argila para abastecer o município”. Comprou um caminhão e deixou outro encomendado. Em forquilha, exibia os tijolos e as telhas, pedindo que as pessoas sentissem o cantar da telha quando batida com os nós dos dedos.

– Não quebra e não mofa, a argila é da melhor e a telha é bem queimada.

Em Forquilha, seu Augusto instou pra que as famílias reconstruíssem suas casas.

– Vamos modernizar a vila, aposentar o pau a pique e a palma de buriti, coisa feia que também esconde inseto malfeitor à saúde. Vendo à prestação e entrega na obra.

Alguns pioneiros reconstruíram suas casas, e o efeito estético e prático foi tão grande que muitas outras construções se iniciaram, em etapas, pois o dinheiro era curto, mas não tardou para que casas de alvenaria se tornassem predominantes em Forquilha, e quem não morasse numa delas passasse a ser discriminado como pertencente a uma classe inferior.

Lucão, que nesse ponto foi apoiado por Odorico, liderou um movimento de construção de novas casas, e agora era mais fácil, pois não bastasse o fato de que os homens foram muito ativos na construção, também porque os Alves não mais viviam na pobreza. O novo conjunto de casas compunha um U mais largo e com pernas mais longas, e o projeto previu novas casas. O pátio ficou maior e mais bonito. Um jatobá há tempo plantado nele estava grande, pois nas secas o molhavam com abundância. Odorico havia trazido seu banco para debaixo do jatobá, pois adquiriu o hábito de sentar-se ali também quando havia sol em seus momentos de descanso, que agora eram mais frequentes, pois seu trabalho era duro e com o avanço da idade o corpo mostrava a inevitável decadência. Mas Odorico gozava de boa saúde, aos quase setenta anos apenas o incomodava uma gota que se agravava quando se excedia na cachaça. E ficava mais feliz ainda porque Noêmia não sentia é nada, era sadia como um coco.

E o encontro de Odorico consigo mesmo, sempre marcado para o amanhecer, tornou-se uma cerimônia mais complicada, pois dele participava mentalmente um número cada vez maior de pessoas. Gente sua, que ele trazia no peito e que chamava para a mente para inquéritos frequentes: indagações, prenúncios, temores e também esperanças, esse sentimento pintado de verde sem o qual a tristeza pode nos corroer como o fogo devasta o cerrado no final das secas. A Tereza, boa moça e mãe melhor ainda, fizera um grande bem ao Lucão: o acalmara, tornara-o mais paciente com as pessoas e capaz de divergir com palavras tranquilas, não no grito nem nos gestos ostensivamente vastos. *Um grande irmão que Deus me deu e a Tereza amansou. Me ajuda muito, é meu braço direito, meu confidente, há assuntos e precauções sobre a*

família que só converso com ele, e ele entende bem que é preciso antecipar os problemas. É ambicioso, o que não é ruim, pois de algum modo isso traz mais energia. Mas ficou sábio o bastante pra entender que a ambição tem de ser perseguida com visão num horizonte mais distante, a vitória precoce pode trazer a derrota futura. O Pedro, aquele moleque endiabrado era muito mais do que isso, Deus foi grande em criá-lo e bondoso em colocá-lo em nossa família, que nem presente de Natal. Tem a força da vó Ana, sentado naquela cadeira ele vale por dois homens. Totonho, esse ano vira médico formado, tava na cara que daquele menino sairia um homem importante. Hoje aqui está muito bom, na lembrança só comparecem coisas boas. Mas deixa então eu ouvir os passarinhos, a única coisa que é sempre boa.

Augusto Heleno era a cara do pai? Só se o pai não fosse Augusto. Nem assim, pois desde garotinho ele começou a se revelar uma cópia da mãe. Bonito como ela, que era muito mais bonita que o marido. Augusto se consolou, pelo menos o menino era bonito. Aos sete anos ele ingressou no grupo escolar de Forquilha, e para que sua educação fosse mais perfeita Augusto contratou com dinheiro do seu bolso outra professora diplomada para a escola, que também dava aulas complementares para o filho. Faltava o menino estudar, o que o pai não fazia, mas a mãe acabou fazendo. Um carro levava todo dia o garoto à escola e também a professora, que morava na casa de Augusto. De segunda a sexta, a professora dava uma aula complementar de uma hora a Augusto Heleno, e ele estudava mais uma hora com a professora por perto. Suas notas eram altas, e ele desenvolveu gosto pelo estudo.

Ele cursou o ginásio e o colégio em Cruz Alta, onde morou na casa de uma tia de Helena. Aquilo bastava, concluiu o adolescente e também os pais, que não tinham interesse em ver o filho na faculdade.

– O que meu filho precisa é ganhar experiência pra me suceder, e isso ele consegue mais rápido e melhor se vier morar na fazenda.

A mulher e o filho concordaram.

Voltou pra casa aos dezoito anos, e mesmo anos depois da volta ele demonstrou pouco interesse pela administração de coisas nas fazendas do pai. O pai quis lhe dar um jipe, melhor pra andar naquelas estradas esburacadas, mas Augusto Heleno preferiu um carro, com mais cuidado ele poderia ir a quase qualquer lugar naquelas terras. Mas vai a poucos lugares a trabalho, e em geral faz isso para acompanhar o pai e por insistência deste. Presencia as conversas do pai com os vaqueiros e meeiros sem muito interesse. Levado à olaria, onde primeiro o pai expôs coisas técnicas, ele ouviu com atenção. No final perguntou ao pai:

– Esse gerente é capaz de administrar esse negócio por si mesmo?

– Acho que sim, mas pra conferir se é verdade tenho de ficar atento a tudo, e fazê-lo entender que está sendo vigiado. Se eu não fizer isso, em pouco ele estará me roubando, desleixando do serviço ou as duas coisas. E se por acaso eu tiver que demiti-lo, ou ele pedir as contas, é preciso que eu saiba contratar outro para repô-lo. E isso exige várias competências que a experiência ensina.

– O senhor tinha algum conhecimento de olaria antes de montar essa e contratar as pessoas, dentre elas o gerente?

– Com olaria eu não tinha nenhuma experiência, mas em negócios e na avaliação de pessoas há muitas coisas de caráter geral na qual eu era experiente.

– Com que idade o senhor começou ganhar experiência?

Foi aí que Augusto se calou, pois naquela idade ele também era um grande vagabundo.

O que Augusto Heleno realmente gostava era ir pra Forquilha, nos finais de semana pra Cruz Alta. Botina de pelica ou sapato social, calça elegante, camisa de cambraia, quando debaixo do sol um chapéu panamá, era como se trajava. Roupas sempre feitas sob medida. Usava perfume, excesso de perfume. Em Cruz Alta, não se sabe bem o que fazia. Na Forquilha, ele gostava de ir para a praça, ali parar seu carro novo e ser visto pelas mulheres. Mesmo as casadas comentavam que ele era bonito, e

as solteiras se ofereciam deslumbradas. É possível que tenha tido algum filho antes do casamento, pois não era incomum que uma moça bonita aceitasse entrar no carro para com ele dar uma volta. Nem todos os pais reprovavam aquilo, a filha bem poderia conquistar o coração do jovem e levá-lo ao altar. Infelizmente para as pretendentes, nenhuma conseguiu esse feito.

Aos vinte e quatro anos Augusto Heleno se casou, como esperado com uma moça da sua classe. Casou-se com Suely, a filha de um grande fazendeiro do município de Cruz Alta, cujas terras ficavam depois da cidade, muito distante de Forquilha. Conheceu a moça numa das suas visitas à cidade e se enamoram. Augusto Heleno foi conhecer os pais de Suely, trouxe-a pra conhecer seus pais. Os pais dos namorados também se encontraram, e depois de se conhecerem provavelmente visitaram o cartório de registro de imóveis, pois essas verificações são usuais nessa confraria. Confirmou-se um noivado e marcou-se o casamento. Moça prendada, a Suely, e também bonita. A menos que pintasse o cabelo, era loira. Uma vez casado, Augusto Heleno passou a inteirar-se dos negócios do pai, a acompanhá-lo com o propósito de aprender. Em parte, fez isso porque pretendia figurar bem perante a mulher. Mas Augusto, que percebeu isso, deu-se por feliz, pois lembrava muito bem que só tinha começado a trabalhar quando seu pai Nereu caiu enfermo. Já Augusto, estava completando setenta anos e não tinha problema de saúde, fora pressão alta e aquela azia que o obrigava a toda noite tomar bicarbonato. *Bom que meu filho comece cedo a aprender como se toca uma fazenda, pois será bom entregar a rotina pra ele e só me envolver nos negócios. Uma velhice mais folgada, lutei muito e muito conquistei, mereço isso.* Mas o destino tem seus próprios planos, e dois anos depois Augusto teve um derrame que o deixou bastante incapacitado, andando com muita dificuldade e sem conseguir falar de jeito que as pessoas entendessem direito, e um ano depois um segundo derrame o matou.

– Então, Noêmia, seu Augusto morreu, você tá sabendo. Tínhamos quase a mesma idade. Derrame, coisa que vem sem aviso. A pessoa está aí, andando, vivendo, achando que tá tudo bem, aí vem um derrame: pah! E se não mata aleija. No caso do seu Augusto, o primeiro derrame aleijou, o segundo foi o golpe de misericórdia. Pois andar de muleta e falando com a borca torta, tendo de repetir tudo pra ser mais ou menos entendido, era demais pra seu orgulho. Em quem o conheceu andando altivo e firme, mandando e desmandando em voz clara e áspera, vê-lo naquele estado inspirava dó, em quem não conhece a misericórdia um riso escondido de vingança. Lá se foi o poderoso Augusto Braga, agora é se entender com a justiça de Deus, que não olha o luxo do caixão e na qual não tem advogado. É o morto e Deus, a justiça na qual todo mundo é igual.

– Pra seu Augusto não há salvação nem purgatório, agora tá no inferno, onde é tarde demais pra arrependimento.

– Tarde demais, Deus é tão bom que enquanto a pessoa respira pode receber seu perdão se o arrependimento for profundo e sincero. Depois que a alma larga o corpo, sua absolvição não é mais possível.

O Lucão, que chegara do trabalho, e como sempre depois de dar um beijo na Tereza ia ver o irmão, apareceu seguido do seu menino mais novo e estava calado, ouvindo sem se anunciar. Segurou o menino pela mão e fez sinal de silêncio, mas não tardou entrasse na conversa.

– Tão falando do seu Augusto, e como sempre o Dorico fala bonito. Te conquistou com suas belas palavras, cunhada?

– Ajudou, mas nem era preciso.

– Seu Augusto tá no inferno ou só no purgatório, Dorico?

– O mundo tem muita gente pior que seu Augusto. Talvez no purgatório por um tempo demorado.

– Você sempre foi tolerante com seu Augusto, irmão.

– É preciso ser tolerante, e seu Augusto não era muito melhor ou pior do que outros fazendeiros. Conosco ele nenhuma maldade perversa.

– Pra mim, só ter abusado daquelas meninas já merece o inferno.

– É, aquilo foi danado de ruim, eu concordo.

– E depois, bater em homens até desacordar, pra fazer confessar que tinha denunciado ou contar quem denunciou. Soma tudo, irmão, e aí só pode sobrar o inferno. Por falar nisso, quem terá denunciado, será aquele vaqueiro que ele matou?

– Isso só o delegado e Deus sabe. E só Deus pode decidir se o denunciante agiu certo. Deus, que olha todos os lados da questão e põe tudo na balança. Em muita coisa que a gente faz tem parte certa e parte errada.

– Sabem o que causou derrame no seu Augusto? – perguntou Noêmia.

– Derrame é coisa de quem come muito umas coisas erradas. Não dá aviso, quando vem é tarde pra consertar. Acho que foi torresmo. Seu Augusto comia um prato de torresmo como tira-gosto toda tarde, às vezes nem jantava depois.

– Cumé que sabe disso, Dorico?

– O Orlando, um vaqueiro que seu Augusto teve tempos atrás, me falou. Acho que o Lucão conheceu o Orlando, que não mora mais por aqui. Torresmo de toucinho de barriga. Danado de gostoso, mas também danado de perigoso, por isso que sempre falei pra gente comer pouco torresmo. Seu Augusto matava muito porco, pois fornecia toucinho pros meeiros e empregados. Sempre tinha toucinho de barriga fresco, comia todo dia. Um perigo, assim como também é botar pedaço de toucinho no feijão, coisa que ele sempre mandava fazer.

– Rico acaba às vezes morrendo por ser rico, coisa gostosa demais faz mais mal. O sadio mesmo é no dia-a-dia comer feijão com arroz com uma verdurinha e uma batata doce ou abóbora – afirmou Noêmia.

– Um franguinho também é sadio e muito bom, e uma cachacinha moderada. Dois dedos de cachaça por dia faz bem pro coração. Pena que por causa da minha gota só tou podendo tomar um dedo sem causar incômodo.

– Fruta é de graça, e além de gostoso só faz bem, pode ser comida à vontade. Vó Ana comia duas bananas todo dia.

– Agora a gente tem de esperar pra ver como é esse Augusto Heleno – falou Lucão pra encerrar o assunto de comida sadia ou má.

– Numa coisa todos são iguais: o lucro tem de ser pros ricos, pros pobres é trabalho duro. A diferença é praticar isso com pouca ou muita maldade. Repito que conosco seu Augusto não fez maldade grande, só fazia de sonso pra sempre ganhar pedaço grande. Administrei isso no que pude, quem o confrontou se deu mal. Não demora o Augusto Heleno aparece, não vai deixar essa vereda largada. Ele sabe disso e pelo que me disseram já está falando com os meeiros, com todo mundo que vive nas suas terras. Nas duas derradeiras vezes que seu Augusto veio aqui ele já tava junto. Sempre calado, nem conheço o tom da sua voz. O pai deve ter explicado como é cada pessoa, em quem confiar, quem é produtivo.

Nas cercanias, comentava-se, e era na Forquilha que o assunto era assunto público, nas vendas, em torno de um dos três bancos da pracinha. Dentro das casas a conversa costumava ser mais franca, pelo menos mais sincera. No recolhimento das famílias, ou mesmo em reuniões de vizinhos amigos, tudo se extravasa junto com os ressentimentos e as esperanças, sem a censura imposta pelo medo. Como se revelará ser seu Heleno? Uma peste, como o pai? Só o tempo ia dizer. Augusto mudou pra ainda pior quando virou o dono das terras.

– Enquanto o pai era vivo e não tinha de cuidar de nada ele era só briguento, gostava de exibir sua valentia na disputa com outros filhos de fazendeiros. A gente só sabe de ouvir contar, nenhum de nós nem de nossos pais presenciou nada, nunca

frequentou festa de rico. Depois passou a fazer da ruindade o seu jeito de dar medo em quem morava nessas terras que ele herdou.

– E pra isso ele nem precisava ser valente, usava os capangas.

– Usava, até porque qualquer um dos seus vaqueiros podia botá-lo no chão, no braço, e também alguns meeiros.

– O seu Heleno é diferente. Estudou em Cruz Alta, onde valentia de rapaz não é mais o melhor modo de encantar as moças, lá isso caiu de moda. Seu Heleno só é muito empoado e perfumado.

– Mas a maldade é o destino do fazendeiro. Deus nos condenou a viver do suor de nosso rosto, mas apareceram os ricos, que vivem do suor do rosto dos outros, dos que vivem na lei a que Deus condenou Adão. E Deus permite, sua lei é descumprida nesta vida.

Nicanor, que gostava de escavar coisas antigas, falava do assunto de um modo distante.

– A terceira geração dos Braga dessa chapada. O Nereu foi quem desbravou e criou a fama da família que ainda vai ter tataranetos ou mais. Aquele sim, foi homem de força. Rasgava essa chapada no lombo de uma mula, observando, indagando. Na garupa levava com que se sustentar. De dia comia paçoca, à tardinha fazia arroz de carreteiro do simples e verdadeiro: arroz, carne de charque e abóbora madura. Viu que era mais esperto que os donos desse lugar, que tinha futuro, pois nele havia mais veredas, e decidiu conquistá-lo.

– Comprou muita terra? – perguntou um dos boiadeiros.

– Não, cercou o que ele quis e precisou, terras onde se largava gado, como em todas desse sertão sem fim. Documento de cartório, isso era coisa vaga, de limites vagos. Aqui foi ele quem inventou a propriedade de terra com divisa precisa e cerca de arame farpado. Hoje tudo é medido e conferido por agrimensor, coisa recente nessas veredas e ribeirões. Temos de aceitar que Nereu Braga civilizou essa parte do sertão, em outras partes deve ter havido outros, pois todo o sertão tá ficando moderno. Seu filho Augusto foi um herdeiro que pouco fez além de trazer gado bom de lugares civilizados antes. Foi mau, sim, mas pelo menos duro temos de entender que um grande dono de terras tem de ser. É preciso organizar as coisas, prosperidade só vem com organização e trabalho. Acho que Heleno vai administrar com menos dureza, é um moço com mais estudo. Mas é preciso ensinar as pessoas, e isso não é fácil. Olha o meu caso, o dono de uma pequena pensão. Minha intenção é manter tudo bem cuidado, servir comida boa. Encomendar surubi do Urucuia, fazê-lo bem feito, com açafrão, tomate, cebola e coentro. Comprar boa carne de porco e prepará-la bem. Trocar o charque pela carne de sol, feito como quando era ainda novo aprendi: um dia no sol e duas noites no sereno. Até hoje tenho que fazer eu mesmo essa carne ou ficar de olho, é raro um empregado que quer aprender. Se deixar por conta dele, não corta a peça do modo certo, bota sol demais ou de menos, deixa secar no sol. Vocês que compram gado e precisam levar pra lugares distantes, acham fácil encontrar um bom tocador de boiada? Não, é por isso que se vê boi desgarrado, deixado pra trás, ou vaca que morre no caminho porque não aguenta a jornada.

O Totonho apareceu perto do Natal, como todo ano fazia, mas naquele ano ele chegou um pouco mais tarde, na antevéspera, e todos já estavam meio preocupados. Chegou formado e casado. Sim, casado. Em cartas tinha falado muitas vezes na namorada, mas não em casamento. Ela era uma colega da faculdade, namoravam há muito tempo e haviam planejado casar logo que se formassem. Nair e Casemiro, como todos da família, sabiam que ele se formaria em dezembro, pois essas coisas ele explicava nas cartas que enviava para os pais, e que como sempre viria para o Natal. E estavam ansiosos. Iriam ver o filho formado, médico formado! Mas a alegria foi maior do que a esperada. Ele, que nunca tinha trazido a Eunice para que a família a

conhecesse, embora sempre falasse dela com carinho, a apresentou como esposa, fato consumado. Aquele foi o maior e mais alegre Natal que a família viveu. Totonho trouxe um caminhão de presentes, um presente pra cada um, sem esquecer ninguém. E a distribuição dos presentes foi presidida por Eunice, que parecia gostar dos novos parentes mesmo antes de os conhecer, e que havia ajudado Totonho na escolha. O Natal foi uma festa de três dias.

Tudo naquela região era novidade para Eunice, que nasceu e foi criada no sul de Minas, e se mudou para Belo Horizonte pra fazer medicina.

- Eu nem sabia que havia lugar tão plano.
- Vocês precisam ver. Na terra dela é puro morro, mas também muito bonito.
- Vereda, o Totonho fala muito dela e vi fotos, mas não sabia que era tão grande.
- Há umas pequenas, essa aqui é das maiores.
- Bonita demais. Eu nunca havia visto maritacas e araras só vi no zoológico. Aqui elas tapam o céu.

Eunice era bonita, carinhosa e sociável. Os meninos achavam graça do seu sotaque, das palavras que ela usava e que nunca tinham escutado. Pra onde ela fosse, arrastava alguns meninos. Nair e Casemiro não cabiam em si, nunca haviam sonhado serem pais e sogros de um doutor. Em poucos dias Eunice fez amizade com a família. Depois do ano novo os dois foram pra Crua Alta, onde iriam morar, tudo já estava arranjado. Seria difícil pra ela, iria ficar mais longe dos pais e com certeza os veria com menor frequência. Antevia a saudade...

Augusto Heleno demorou mais do que o previsto pra aparecer na Vereda Longa. Parou o jipe na porteira e dois meninos vieram correndo pra abri-la, o maior chegou primeiro e puxou a taramela, mas o menor foi quem a abriu. Entrou com o jipe no pátio, desceu e observou tudo e todos. Dirigiu-se diretamente a Odorico.

- Então, me parece que você é o Odorico.
- Eu mesmo. Nunca tive o prazer de falar com seu Heleno, muito menos de cumprimentá-lo. Boa tarde senhor.
- Boa tarde pra você e pra todos. Muito arrumadinho esse canto seu.
- Bondade sua, senhor. Recanto nosso, arrumado aos poucos desde meus avós. Trabalho de todos.
- Mas pra se arrumar assim é preciso haver uma boa cabeça, e dá pra ver que as casas são recentes. Meu pai falou de vocês, explicou a maneira como se conduzem. Antes de vir aqui tive de visitar muitos outros lugares onde as coisas não andavam bem.
- Mas veio a tempo. A gente tem tocado as roças na forma ajustada com seu pai. O Eusébio esteve aqui umas três vezes pra conferir. Moço despachado, esse novo capataz.
- É sim. Foi sorte encontrá-lo, era administrador da fazenda de uma viúva. Me aconselhou aumentar as roças tocadas pela sua família. As que vocês tocam são as mais produtivas das nossas fazendas.
- Basta a gente discutir. Desculpe, este é meu irmão Lucas, tudo tem de ser discutido também com ele. Pra ficar mais simples, os outros nos autorizam a falar em nome deles. Trocamos ideias dentro da família, sabemos o que tem grande aprovação.
- E o que acham de aumentar as roças?
- É possível, a família aumentou, temos mais homens barbados e uns rapazinhos. De todo jeito, pra aumentar muito as roças, é preciso que nos libere do trabalho prestado ao senhor, tanto o gratuito quanto o pago. Numa emergência, podemos ajudar a socorrer, mas na rotina propomos dedicação só às nossas roças. E

queremos pagar a terra em produto, mas não na meia. Entregamos um terço da produção.

– Mesmo isso é injusto – interrompeu Lucão, o justo é um quarto. Mesmo em sistema de quartil nossas roças vão render ao senhor mais do que roças à meia em outras partes das suas terras.

Augusto Heleno não contestou, mas tinha de conferir.

– Preciso tempo pra pensar. Vou conversar com o Euzébio, aí a gente volta a falar, é preciso também saber quantos alqueires vocês são capazes de cultivar. E essa terra é muito boa.

– Vou propor uma parceria que não deixa dúvida nem precisão de conferir a colheita. Pra cada alqueire a gente paga cinco carros de milho em espiga e oito sacos de feijão. Carro de quarenta balaios, o senhor sabe bem o que é isso? É preciso quatro bois pra arrastar um carro desses, mesmo no plano.

Augusto Heleno pensou. Numa coisa a proposta lhe agradava, pois tudo podia ser previsto. Odorico leu seus pensamentos, pois completou:

– Se a produção for menor é risco nosso, se for maior é prêmio que Deus nos deu e também resultado do nosso esforço.

O jovem fazendeiro fitou Odorico nos olhos, pensativo. *Esse Odorico daria um bom fazendeiro, sabe dos riscos e dos coriscos, dos raios que as nuvens carregam. Tenho de aceitar o seu truco ou correr, agora, no ato, não há tempo para ouvir o Euzébio.*

– Negócio fechado, Odorico. Decidam quanta terra querem plantar, o Euzébio virá pra se informar e demarcar o perímetro.

Falou isso, meneou a cabeça para a numerosa audiência. Fez questão de se despedir de Odorico com um aperto de mão, que disse:

– Conversa boa foi essa, acho que nos entenderemos bem, Odorico – palavras que Lucão aprovou com a cabeça.

Augusto Heleno olhou vagorosamente o entorno, tornou a confirmar sua impressão do lugar, entrou no jipe e partiu sem fazer muita poeira. Só depois de ele desaparecer o silêncio foi quebrado.

– O que achou, Dorico? O moço me pareceu diferente.

– Diferente sim.

– Não tem aquele modo do pai, de senhor de escravo, nem manda sem primeiro ouvir. Talvez seja um ser humano. Mas achei o pagamento que você propôs muito na risca, no exato, é menos que eu pensava, mas o risco é só nosso.

– É isso mesmo, irmão. Mas vai dar certo. Mais do que certo, pois tou pensando em usar esse adubo químico que apareceu, vindo do estrangeiro. Tem um preço alto, mas dobra a colheita. A modernidade chegou, a gente tem de ficar moderno.

– Adubo químico, foi isso mesmo que o irmão falou? Faz esse milagre? Como você aprendeu sobre ele?

– Tenho ido mais a Cruz Alta, e agora que fico na casa do Totonho gosto ficar lá mais tempo pra aprender o que não se aprende na Forquilha. Lá já tem fazendeiro que planta roça enorme, usando trator. Alguns contratam até engenheiro agrônomo, e tiram muito mais lucro da lavoura do que da criação de gado.

As roças foram aumentadas, compraram outro arado e mais cavalos, no tempo certo arado rasgava a terra o dia todo. Adubo químico foi adotado aos poucos, e com uma carretinha esterco de gado era recolhido na franja melhor da vereda e nos lugares onde o gado dormia. As rendas aumentaram. Lucão comprou um jipe, não demorou que Valdomiro comprasse o seu. Valdomiro aprendeu a dirigir mal-mal com Lucão, que aprendeu com ninguém sabe quem. Lucão insistiu em mais aulas, mas Valdomiro achou que estava bom. Mas teve os seus problemas, um deles anedótico. Um dia, ao sair do pátio parou perto demais da porteira, não deu pra ela abrir.

Empurrou o jipe com esforço, enquanto lamentava: *Jipe é muito bom, mas precisava andar também pra trás.*

Augusto Heleno veio melhor que a encomenda. Era firme, mas não estúpido, nem mesmo asperamente mandão. Com seu pai aprendeu que menor a mente maior tem de ser o cacete, mas cacete não lhe parecia ser o melhor instrumento. *As pessoas podem ser enquadradas com melhores modos.* E passou a mandar sem inspirar medo. *Se a pessoa é um imprestável sem remédio, boto pra fora das minhas terras, mas é preciso saber se não tem mesmo remédio.* Isso foi notado e aprovado. As conversas rendiam efeito, e os incentivos mais efeito ainda. Deu bom resultado, pouca gente tinha medo de conversar com o novo senhor daquelas terras.

Levou um tempo pra ele entender a complicada malha de acordos explícitos e implícitos que regiam as relações nos seus domínios, depois disso ele fez uns ajustes, buscando tornar tudo mais explícito e entendido pelas partes. As normas, todo aquele conjunto de regras não explícitas, isso ele teria de desvendar na conduta natural daquela gente, pois nos costumes há coisas profundas e efetivas. O fato de maior importância naquelas transformações é que Augusto Heleno era mais inteligente do que se podia imaginar, o que ninguém ainda havia descoberto. *Administradas com mais eficácia essas terras podem render bem mais, e o meu ganho não é tanto a fração que recolho, é mais o tamanho da renda.*

Augusto Heleno, depois dessas vacilações iniciais, foi ágil. Tomou aqui e ali iniciativas provisórias, mas na olaria ele foi mais atuante. Não só em Cruz Alta, mas também em municípios vizinhos, ele podia alcançar a hegemonia, e partiu para a ação. Visitou locais de consumo, levando amostras do seu material, e mandou comerciantes convincentes a outros. As encomendas se elevaram em tamanho passo que foi preciso aumentar continuamente a capacidade de produção e também comprar muitos caminhões. Caminhões com carrocerias projetadas, ostentando as palavras OLARIA DO INDECISO em negrito e cor laranja. Em poucos anos a olaria passou a ser a maior indústria de Cruz Alta. Muito lucro e muito emprego para a gente da região das veredas. Forquilha cresceu.

Nesse ponto as incertezas sobre quem seria Augusto Heleno também chegaram ao fim, e mais ainda que as perguntas e expectativas de anos atrás isso era assunto de conversas. Não que os acontecimentos tivessem sido favoráveis a todos, pois muitos empregados foram despedidos e muitos meeiros tiveram que desocupar suas casas. No caso dos meeiros, metade deles não conseguiu ficar produtiva como Augusto Heleno queria, e aos poucos foram despejados. – Terra é pra produzir – repetia o rapaz, e o quanto ele considerava produtivo ficava acima do empenho ou capacidade de muitos. E tudo era anotado por um novo empregado que tinha trabalhado com um guarda-livros de Cruz Alta, em um caderno grande de capa preta e dura. E já ao aceitar um novo meeiro, Augusto Heleno ou Euzébio explicava o que queria dele. Era um patrão exigente, mas tratava todos com cordialidade, e os que se enquadraram nos seus padrões ganhavam mais e falavam bem dele.

Houve uma questão, já resolvida, ligada à administração das terras, pois houve um inventário legal e elas foram divididas e registradas em nome dos novos donos. Dona Helena, que tinha direito à metade, abriu mão de parte dele e as terras foram divididas em quatro partes de igual valor estimado. Dora e Aurora, que já tinham se casado, ficaram com todas as terras da bacia do Ribeirão do Sono, com ótimas várzeas, parte delas coberta por matas já derrubadas onde o terreno era mais fértil. Ribeirão do Sono, vagaroso, daí o seu nome, mas ribeirão decidido que desce sem muita vacilação rumo ao seu destino. Augusto Heleno e sua mãe Helena ficaram com a outra vertente, a do Indeciso, que incluía Forquilha e as veredas ao sul. O marido de Dora não se revelou muito apto em administrar as terras herdadas pela mulher, e o marido de Aurora não tinha interesse em fazenda. Pois seu pai tinha uma rede de postos de gasolina, e ele continuou morando em Cruz Alta, onde trabalhava com o pai. Acabou que no final todas as terras ficaram sob a administração de Augusto Heleno. Pois ele comprou as herdadas por Aurora, e sua mãe e Dora entregaram seus bens

para que ele administrasse. Também Dora passou a morar em Cruz Alta e dona Helena tinha uma rotina itinerante, passava uns tempos com um dos filhos e outros com os pais, que ainda eram vivos.

Celso, marido de Autora também era um rapaz competente e usou o dinheiro das terras para ampliar a rede de postos. Ele e Augusto Heleno se davam bem, e este o persuadiu a abrir um posto em Forquilha. Dali também entregava tambores de gasolina pros fazendeiros, que tinham o costume de comprá-los em Cruz Alta. A estrada para Forquilha foi melhorada e cascalhada, falava-se que Augusto Heleno foi quem convenceu o prefeito a fazer isso pra baratear o frete dos seus tijolos e telhas.

Odorico já passava dos setenta e cinco. Desde alguns anos sentia que o corpo não era o mesmo. No eito, onde ele sempre fora um dos melhores, não conseguia acompanhar o avanço dos mais novos, o arrastar da enxada exigia mais dos seus braços do que eles conseguiam entregar. E aqueles braços também não tinham mais a força exigida pra segurar os cabos do arado com firmeza e manter os riscos bem alinhados. Mesmo a ordenha, coisa da qual ele tinha passado a gostar, não era fácil, pois ao se agachar os joelhos doíam. *É, a mocidade é boa, mas acaba.* Mas Odorico não era homem pra ficar à-toa, e fazia tempo que ele ajudava Pedro a trançar laço. *Trançar laço é coisa de que dou conta, minhas mãos estão boas. Vou me empenhar em ajudar o Pedro e aprender com ele.*

Trançar laço a dois era coisa de que Pedro não gostava, e enquanto fazia isso com o tio ele o ensinou a trançar sozinho. Odorico, ansioso por dominar a técnica, aprendia com rapidez. Como ele gostava tanto de ficar na sombra do jatobá e Pedro gostava muito da companhia do tio, os dois instalaram o necessário para que a fábrica artesanal se movesse para aquela sombra, que por sinal estava cada vez maior. Uma mesa de madeira maciça pra se cortar o couro em tiras finas, num padrão preciso, um fogãozinho pra se aquecer o sebo até a temperatura ótima pra ser espalhado no couro e também encerar os laços terminados, travas firmes nos esteios pra fixar as tiras a serem trançadas.

E assim se iniciou uma rotina que deixava o tio e o sobrinho contentes. Odorico aprendia e se esforçava pra progredir. Reparava as manobras das mãos precisas do sobrinho e tentava reproduzi-las. Com tiras abstratas de couro, exercitava as mãos e a mente. Sentia que estava avançando, mas mais devagar do que pretendia. *O que realmente importa é o produto final,* pensou. Comparava então disfarçadamente seus laços com os feitos por Pedro. Sabia que nunca seriam iguais, os seus melhoravam e já eram de qualidade aceitável, mas os de Pedro eram inigualáveis. Pedro observava tudo também disfarçadamente, com satisfação pelo empenho do tio. Aprovava de longe os laços que finalmente eram enrolados nas hastes finais à cabeceira da mesa, e quando o tio entrava em casa pra tomar seu café examinava os laços que ele tinha feito. Percebia o progresso.

- É, tio, não demora ninguém vai saber dizer qual laço foi feito por quem.
- Só se for pessoa sem olho nem tato.

Mas o fato é que os laços de Odorico já eram vendidos em Cruz Alta, e tinham aceitação muito boa. Odorico já era um trançador de laço profissional, aquele seria seu trabalho de velhice. Deixou de vez o trabalho pesado, mas não parou de visitar todos os lugares e conferir. Quando a terra era arada, ele verificava a uniformidade dos cortes, o destorroamento adequado. No plantio do milho, conferia o espaçamento das fileiras e o seu alinhamento ortogonal ao do percurso do sol. Conferia a adubação. Tudo tinha de ficar muito bom. Seu irmão, seus cunhados e sobrinhos sabiam fazer direito, mas não custava conferir.

Seu Augusto Heleno aparecia com mais frequência do que era preciso na vereda, parecia que gostava de visitar o lugar. Quase sempre, encontrava Odorico e

Pedro debaixo do jatobá, proseando e trabalhando, às vezes algum menino ou menina observando.

– Então Odorico, você é agora lavrador ou trançador de laço?

Odorico ria com satisfação, tinha se afeiçoado àquele rapaz.

– Tenho saudade de quando conseguia lavrar a terra, seu Heleno, mas tomei gosto também por trançar laço e faço isso aqui na sombra, sem abusar desse corpo de velho. E proseando com Pedro, esse meu sobrinho e meu mestre.

Mandava um menino avisar a Noêmia que seu Heleno tinha chegado e estava esperando uma água fria e um café fresco.

– Ainda gosto de visitar as roças, ir à franja da vereda pra ver a qualidade do pasto úmido e como os bezerros desmamados tão crescendo. Acho gostoso ver bezerro mamando e depois de encher a barriga brincar com os outros. Pego um cavalo e percorro toda a vereda desse nosso lado, que é onde o gado mais gosta de pastar, de manhãzinha ele tá todo aqui. Muitas centenas que quase não arredam dessa vereda.

Noêmia costumava aparecer com a água. Cumprimentava seu Heleno e dizia que a água do café tava esquentando.

– Parece que a senhora torra café todo dia, o seu é melhor dos que eu bebo.

– Bondade sua, seu Heleno. Torro café só na sexta feira, o mais importante pra preservar o sabor de fresco é moer na hora.

– Eu não sabia, vou explicar isso lá em casa.

Pedia licença recatadamente e voltava pra dentro de casa, em cinco minutos aparecia com um bule de louça, que conserva o café mais quente, e três xícaras, pois Dorico e Pedro também iriam querer. Batia-se meia hora de prosa, seu Heleno às vezes tateava os laços enquanto ouvia ou falava, e então se despedia.

Agora que Totonho já tinha um carro, quase todo final de semana, ou ao menos no domingo, aparecia com Eunice e o menino, que já andava bem e logo corria pra brincar com os outros.

– Pede a benção pros tios, Dudu – mas isso era o mesmo que não falar nada, o menino nem se virava pra trás.

Totonho perguntava pela gota do tio, examinava as articulações. Perguntava se estava evitando carne de vaca, miúdos de porco ou de frango, e principalmente a cachaça. Conferia se ainda tinha daquele remédio que ele trazia. Essas comidas o tio não mais comia, uns pingos de cachaça ainda bebia. Mas bebia muita água, comia muita fruta.

– Quase só dói o joelho, se eu exagerar na cachaça no outro dia amanheço meio entrevado. Aí tomo aquele remédio que desinflama e fico melhor.

O novo xodó do Odorico era a Bebel. Era a filha da Vanda, que era a filha mais velha de Nair. Mesmo Vanda tendo a Izabel ainda nova, a menina nasceu com síndrome de Down. As feições da menina pareceriam muito diferentes, o rosto redondo e meio achatado, e o corpo muito mole. Em poucos meses também o desenvolvimento se mostrou muito lento. Levaram a bebê ao médico, que quase de imediato entendeu e explicou tudo.

– Uma coisa de nascença que acomete umas poucas crianças. Não é uma doença, por isso não pode ser tratada.

Explicou e os pais entenderam, na verdade conheciam uma criança igual, já quase mocinha. E ficaram desolados ao saber que Izabel ficaria como a outra.

Totonho, irmão de Nair, estava estudando medicina, mas veio mais cedo para o Natal porque foi comunicado por carta. A irmã estava inconsolável, com dó da menininha, mas Totonho a confortou muito e deu muitas explicações.

– Ela será uma criança feliz e depois uma adulta feliz se cuidada pela família da forma correta. Só será infeliz se for discriminada, e pra isso a família é

fundamental. As pessoas com síndrome de Down são muito carinhosas e carentes de afeto. Sentem muito quando são discriminadas. Jamais falem que ela é mongolóide. Jamais permitam que os priminhos riam da sua dificuldade em aprender, da sua dificuldade de brincar com a mesma desenvoltura. Ela será uma criança lenta, com menor habilidade motora. Temos de cuidar muito bem dela, toda a família tem de fazer isso.

Em poucos anos, todas as crianças perceberam que a Bebel era muito diferente. Falava meio embaralhado, era lenta demais, não conseguia pegar uma bola ou acertar uma peteca no ar. Foi difícil fazê-las desconsiderar tudo isso e incluí-la nas brincadeiras.

- A gente tenta, mas ela não dá conta.
- Brinquem coisas mais simples com ela.

Com custo conseguiram, e Bebel crescia saudável e alegre. A mãe perseverou e conseguiu ensinar os rudimentos da escrita e da leitura, isso dos sete aos oito anos. Bebel cansava rapidamente de brincar com os primos, nesse caso gostava de ir pra debaixo do jatobá pra ver Odorico e Pedro trançarem laços. Os dois conversavam muito com a menina, e pra ela era uma vantagem eles ficarem sempre quietos num lugar fresquinho.

- Já comeu sua banana, Bebel?
- Hoje não quero, tou com vontade é de chupar manga.
- Cristiano, escolhe uma manga bonita pra Bebel. Não usa vara, sobe no pé e pega com a mão pra não amassar – grita Odorico.
- Bebel recebe deslumbrada a manga rosada e a leva direto aos dentes pra rasgar a casca.
- Fala obrigado pro Cristiano.
- Brigado Quistiano.

Odorico observa um pouco e puxa assunto, olhando para a carinha contente da menina.

- Qual é mesmo o nome mais bonito que existe?
- Bebel.
- E qual é a menina mais bonita?
- Bebel.
- É o que eu acho também. O nome mais bonito pra menina mais bonita. Mas vai lá dentro lavar a carinha suja de manga. Assim fica feio.

Bebel volta com a boca lavada mal-mal e senta no banquinho em frente do tio Dorico. E ali fica um longo tempo, reparando e puxando conversa.

- Quem faz laço mais bonito, Bebel?
- Tio Dorico. Bebel queria ganhar um lacinho pequeno.
- Vou fazer um pra você.

E aí Odorico corta tiras mais estreitas e faz um lacinho de dois metros, fininho. Ao recebê-lo, Bebel beijou o tio molhando-lhe o rosto e saiu correndo pra mostrar aos outros meninos.

Dorico ia assim levando a vida, mais leve, aceitando a velhice e a desfrutando. Lucão, que não era tão mais novo, mas ainda tinha força e energia, tomou a frente das coisas duras, e Odorico confiava nele. Mas mantinha tudo na mente, os negócios, os acordos com Euzébio. E frequentemente conferia com Lucão pra ver se ele tava lembrando. Continuava andando muito a cavalo, inclusive pra ir a Forquilha. Às vezes ia de jipe com Lucão pra resolver algum problema mais complicado. Mas no lombo do cavalo se sentia confortável e seguro, com boa postura, e o joelho só incomodava na hora de montar e desmontar. Nunca aprendeu a dirigir, tinha passado da hora para isso e enquanto era tempo não teve interesse. *Se eu precisasse muito dirigir aprenderia e compraria um jipe, mas posso contar com o Lucão e o Valdomiro.*

Os anos foram rolando, e aos oitenta anos Odorico ainda continuava quase o mesmo, com disciplina mantinha a gota controlada. Totonho conferia a saúde do tio e da tia Noêmia. Auscultava o pulmão de Odorico, pois ele tinha fumado a vida inteira, só deixando o cigarro recentemente. Todo ano os levava pra Cruz Alta para exames do coração. Saúde muito boa a dos dois, comentava com Eunice, e ela concordava. Nem pressão alta eles têm, vão passar dos noventa.

– O tio puxou sua avó Ana, a tia não sei quem puxou. E viveram uma vida saudável, tirando o cigarro do tio.

Odorico se preocupava com a morte, pois não sabia como as coisas correriam depois que morresse. Achava que a família precisava de um esteio, alguém atento a tudo e que desse solução aos grandes problemas. *O Lucão é capaz disso, na minha falta ele assume o meu papel, mas ele não se cuida tanto, não sei se vai viver muito. O Pedro é novo e sadio, e tem cabeça muito boa, mas pra ele é difícil se informar de tudo, depende de quem o leve aos lugares. Tem o Vander, filho do Lucão, que é um rapaz muito esperto e ajuizado. Despachado, já comprou até o seu jipe e guarda dinheiro no banco. Mas fica difícil ele orientar outros mais velhos do que ele.* Odorico acabava concluindo que a família ficaria sem um guia, cada um se cuidando ao seu modo. Isso o preocupou por um tempo, mas acabou por se conformar com essa situação. *De qualquer jeito, um dia isso terá de acontecer. E quase todos têm bom juízo, alguns têm tino pros negócios, outros não. Mas é preciso aceitar, uns não conseguirão progredir, mas todos são capazes de dar comida pros filhos. O que não tem solução, resolvido está.*

E depois dessas matutações e a aceitação do inevitável, Odorico começou a se sentir mais leve, com direito de morrer. Não que quisesse isso, achava muito boa aquela vida sem tantas obrigações e queria usufruir o que lhe restasse. Gostava de ir a Forquilha, passar por umas vendas para prosear. Ia à pensão do Nicanor, onde a prosa era mais longa, pois relembavam os tempos antigos. E Nicanor, que gostava de conhecer toda a história das veredas, indagava sobre fatos de que Odorico havia participado, e também sobre coisas contadas por sua avó Ana ou seu pai Leôncio. Odorico também recebia frequentes visitas.

Naquele ano as águas tinham sido muito boas, a chuva certa no momento certo, e ao perceber isso Odorico e Lucão decidiram fazer também adubação de cobertura pra que as roças produzissem ainda mais. Resultou que a colheita quase dobrou. Foi uma pelega arrancar todo o feijão, cujos pés tinham ficado maiores e mais enraizados, e tão carregados de favas que elas se encostavam ao chão. Há anos o feijão era batido em um círculo cimentado, mas mesmo assim deu trabalho batê-lo. Quanto mais se batia feijão, mas feijão havia pra bater, e os homens se revezavam exaustos e contentes. E quando colheram o milho, as espigas formaram montanhas. Visitantes se deslumbravam ao ver tanta fartura: cento e muitos sacos de feijão, protegidos por uma lona, e aquela quantidade de milho que nunca tinham visto. Venderam o que sobraria do consumo pra um comerciante de Cruz Alta, e dinheiro ingressou farto nas contas de banco. Festejaram, gastaram um pouco a mais, mas não em demasia, pois era importante aproveitar aquele ano tão bom pra cada pai de família aumentar suas reservas. Meninos ganharam sapatos novos pra frequentar a escola e bicicletas novas pra ir até Forquilha, mulheres compraram coisas diferentes nas lojas de Cruz Alta.

Odorico sentia-se muito bem ao ver a família prosperar e todo mundo alegre. A seu pedido Lucão presenteou filhos de meeiros vizinhos com as bicicletas que haviam sido substituídas. O dinheiro a mais que ele ganhou não lhe parecia muito importante, pois estava satisfeito com o que já tinha. *Mas dinheiro também não atrapalha se a gente for dono dele em vez de ele ser dono da gente. E uma hora a gente pode*

precisar dele. Saboreava cada dia, da aurora ao crepúsculo, e à noite as conversas da família, que ele ouvia atento.

Um dia, já era junho e o tempo estava frio, ele amanheceu gripado. Na véspera haviam se sentado em roda de uma fogueira pra verem aquecidos a noite mais de perto, pois havia uma lua bonita. *Calor do fogo no peito, vento frio nas costas, não atentei pro perigo.* Fez um chá de limão e gengibre e bem quente o bebeu, nem saiu de casa pra ver o amanhecer. Como Noêmia demoraria a acordar, voltou pra cama.

– Fazendo o que aqui na cama, Dorico?

– Uma gripezinha, tomei um chá e voltei pra cama.

Noêmia palpou a testa do marido, não estava quente. Em geral, em três dias as gripes de Odorico se curavam, desde que ele não tomasse friagem e tomasse bastante chá. Desta vez não sarou tão rápido, em cinco dias a gripe ainda não tinha passado.

– Isso é normal, Dorico, minhas gripes duram sete dias.

– Mas as minhas não. Vou por alho no chá, isso ajuda.

O alho também não resolveu, e o pior é que Odorico passou a ter febre, e depois tosse e dor no peito ao respirar mais fundo. Ao ver o irmão naquele estado, Lucão decidiu:

– Vou te levar pra Cruz Alta. Noêmia, arruma as coisas. Você vai também, deixo vocês lá e volto.

Em menos de uma hora estavam saindo. Totonho estava em seu consultório, mas após um breve exame decidiu ir pro hospital.

– Eunice vai te atender, dona Iolanda, tenho que levar meu tio pro hospital.

Internou o tio pra melhor tratamento e precaução, Totonho sabia que doença respiratória em velho exige atenção especial. Mas os medicamentos não estavam surtindo efeito, nem mesmo a penicilina, remédio moderno quase milagroso para esses casos, não estava combatendo a doença.

– É pneumonia – falou Totonho pra Noêmia. – Se era gripe, virou pneumonia.

– Tem cura, essa doença?

– Tem sim, fica tranquila.

Nas veredas, aguardavam notícias, mas elas não chegavam. Como Odorico não também não retornava, Lucão voltou pra Cruz Alta, e quando chegou ao hospital Odorico estava no oxigênio e mesmo assim ofegante. Noêmia abraçou o cunhado, em prantos. Lucas consolou-a até que ela se acalmasse e foi até o leito de Odorico. Apertou as suas mãos, sem saber o que dizer, e foi Odorico quem rompeu o silêncio:

– Acho que é o meu fim, meu irmão.

– Não, Dorico. Não. Não. Não. Não fala bobagem, irmão, essa doença não vai te quebrar.

– O grande Deus é quem decide, e parece que já decidi. Tenho falado com ele, pedindo que ninguém chore muito.

Mas Lucão teve de se conter pra não chorar. Saiu do quarto e teve a sorte de rapidamente encontrar Totonho.

– Bom que você tenha vindo, tentei mandar recado.

– Ele vai morrer, Totonho?

Totonho não deu resposta pronta, o que exasperou Lucão.

– Vai morrer, Totonho?

A resposta foi um sinal positivo com a cabeça.

– Os nossos recursos se esgotaram. Continuamos dando penicilina, um remédio novo, o mais poderoso pra pneumonia e outros males, mas já era pra ter dado resultado. Tou perdendo a esperança.

Os dois se olharam, sem mais palavras.

Lucão convenceu Noêmia a ir para a casa de Totonho pra descansar.

– Se não dormir bem e descansar, você também acaba adoecendo. Eu fico tomando conta dele. Levanta, vou te levar.

Quando Totonho teve uma folga, foi ao quarto do tio. Não havia mais ninguém, pois Lucas não tinha votado. Ele e o tio se olharam. *O pacto, tio, sempre fomos unidos por aquele pacto, e agora não consigo cumprir minha parte.* Odorico percebeu que ele estava pensando alguma coisa, inconformado com a derrota.

– Não fica com essa cara de derrotado Totonho, médico não consegue mudar a vontade de Deus. Desiste dos seus remédios, dá calmante pra Noêmia. Dá-lhe força pra aceitar que estou morrendo.

Totonho fez um sinal vago com a cabeça e o completou com palavras.

– Vou cuidar bem dela, e também do senhor. Lucão ficará aqui pra te fazer companhia, a tia está exausta, tem de dormir numa cama boa e tomar uns chás pra se acalmar. Mas não desiste de viver, tio, de lutar contra a morte, ela não vai te vencer.

Em mais dois dias Odorico morreu no fim da madrugada, e desde aquela conversa Totonho o estava sedando pra que a morte inevitável fosse mais tranquila. Ver o tio cada vez mais ofegante já lhe era insuportável.

Lucão comprou um caixão pesado, de madeira maciça, do qual Odorico no seu entender gostaria, e arranjou um veículo pra levar o corpo, que ele acompanhou em seu jipe. Totonho já tinha ido com Eunice, levando Noêmia, que eles haviam acalmado sem sedação. Ao passar em Forquilha Lucão avisou que Odorico tinha morrido e seria enterrado no final da tarde.

Ao chegar à Vereda Alta, a comoção foi enorme.

– Temos de ser fortes – falou Lucão – ele não está gostando de ver vocês chorando. Aceitação foi a palavra que mais ouvimos do Dorico... Aceitemos.

Tinham de decidir onde enterrá-lo. A ideia inicial era depositá-lo ao lado da cova da vó Ana, mas quanto Pedro propôs outro lugar todos concordaram. Preparou-se tudo com carinho. Alguns conseguiram almoçar, outros não. Era um dia de junho, e um vento do sul subia a vereda aumentando a sensação de frio. O céu do inverno era de um azul deslumbrante, como sempre ou ainda mais, pois a secura do ar colaborava e ainda não havia a bruma das queimadas. Havia muita tristeza, mas também aceitação, o espírito do morto parecia estar presente, se despedindo e consolando. Por horas o pátio se encheu de gente pra dar adeus a Odorico e vê-lo ser sepultado na sombra do seu jatobá.